

Universidade de São Paulo
Escola de Comunicações e Artes
Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação

Marilza de Oliveira

**Arte e diplomacia cultural: divulgação e produção da arte
brasileira nos EUA**

São Paulo

2024

Universidade de São Paulo
Escola de Comunicações e Artes
Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação

Arte e diplomacia cultural: divulgação e produção da arte brasileira nos EUA

Aluna: Marilza de Oliveira

Orientadora: Profa. Dra. Fabiana Amaral

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do título
de Especialista Mídia, Informação e Cultura

São Paulo

2024

AGRADECIMENTOS

À Profa. Dra. Fabiana Amaral, pela dedicação e esforço incansável nas aulas e na pesquisa, sempre disponível para apontar caminhos e estimular a criatividade, mostrando-se sempre muito gentil, segura e tranquila nas orientações.

A todos os professores do Celacc que ministraram aulas aos sábados (manhã e tarde) e se revelaram extremamente atenciosos com os alunos.

Aos funcionários da ECA e da FFLCH.

A todos os colegas da turma de 2023, em particular a Irene, Maju, Maria Cecília, Carol, Vitor, Ivana e Mariana, grandes companheiros nos trabalhos acadêmicos, na resolução de problemas, no ânimo e nas muitas risadas.

SUMÁRIO

Introdução	07
1. Pressupostos teóricos	11
2. Indicativos metodológicos	14
3. O perfil do imigrante brasileiro nos EUA	15
4. O Brasil artístico nos EUA	20
4.1. Artes plásticas brasileiras produzidas/divulgadas nos Estados Unidos	21
4.2. Artes cênicas brasileiras produzidas/divulgadas nos Estados Unidos	24
4.3. Apresentações musicais brasileiras nas cidades americanas	28
4.4. Arte no Consulado-Geral	29
5. Alinhavando os resultados	34
Considerações finais	40

Gráfico e tabelas:

Gráfico 1 – Linguagem artística vs posto consular nas cidades americanas	20
Tabela 1 – Artes plásticas vs cidades americanas	21
Tabela 2 – Artes cênicas vs cidades americanas	24
Tabela 3 – Apresentações musicais vs cidades americanas	28

Figuras:

Fig. 1 – <i>Amazônia</i> , Sebastião Salgado	21
Fig. 2 - <i>The Yanomami Struggle</i> , Claudia Andujar	21
Fig. 3 - <i>Deep Marajó</i> , Ronaldo Guedes	22
Fig. 4 – <i>Amnésia</i> , Flávio Cerqueira	22
Fig. 5 – <i>Marielle</i> , Eder Muniz	22
Fig. 6 - <i>O sonho sul-americano</i> , Marcela Cantuária	23
Fig. 7 – <i>Brotar no encontro</i> , Laura Gorski	23
Fig. 8 - Perspectivas das mulheres – NY	26
Fig. 9 - <i>Da árvore da vida às folhas do conhecimento: transcendendo a estética.</i> Rodolfo Ward.	30
Fig. 10 - <i>Paisagens brasileiras</i> , Valdir Cruz	30
Fig. 11 - <i>Os quatro elementos</i> , Elton Davel	30
Fig. 12 - <i>Eyes of the street</i> , Enivo	31
Fig. 13 - <i>De onde você é originalmente?</i> , River Koelo	31
Fig. 14 - <i>Utopic Forest Series</i> , Fernanda Froes	32
Fig. 15 - <i>Project Ser(tão)</i> , Flavia Daudt	32
Fig. 16 - <i>Raízes Brasileiras</i> , Elisa Wuo e Betta Santini	37
Fig. 17 - <i>Made in Amazonia</i>	39
Fig. 18 - <i>Abenki Pivako</i> , do povo Ashaninka	39
Fig. 19 - <i>Arassari</i> , da tribo Pataxó	39

Arte e diplomacia cultural: divulgação e produção da arte brasileira nos EUA

Marilza de Oliveira

Resumo: Nas últimas décadas a emigração brasileira passou a figurar como um movimento recorrente. Os EUA destacam-se como o país que mais tem recebido imigrantes brasileiros, de diferentes níveis socioeconômicos. Este estudo visa a mapear as atividades culturais divulgadas pelos consulados-gerais brasileiros nos EUA, por meio da plataforma Instagram. A amostragem é constituída das postagens feitas entre os meses de janeiro e dezembro de 2023 sobre a divulgação de eventos relacionados a artes plásticas, cênicas e apresentações musicais. O mapeamento será cruzado com os resultados de pesquisas acadêmicas sobre o processo de emigração e o perfil de emigrados. Tomando como pressupostos teóricos a questão da diáspora e do multiculturalismo (Hall, 2023), as discussões sobre comunidades transnacionais e identificação (Garcia-Canclini, 1988) e a noção de colonialidade do poder (Quijano, 2005), alinhada com o debate sobre latinidade (QUENTAL, 2013), serão analisados os resultados obtidos com o mapeamento das expressões artísticas.

Palavras-chave: emergência cultural, consulado, produções artísticas

Resumen: En las últimas décadas, la emigración brasileña se ha convertido en un movimiento recurrente, debido a diferentes factores. Los Estados Unidos de América se destacan como el país que ha recibido más inmigrantes brasileños, de diferentes niveles socioeconómicos. Este estudio tiene como objetivo mapear las actividades culturales difundidas por los consulados generales de Brasil en los Estados Unidos de América, a través de la plataforma Instagram. La muestra está formada por publicaciones realizadas entre los meses de enero y diciembre de 2023 sobre la difusión y promoción de eventos relacionados con las artes visuales, la fotografía, el cine y los espectáculos musicales. El mapeo se cruzará con los resultados de la investigación académica sobre el proceso de emigración y el perfil de los emigrantes. Tomando como supuestos teóricos la cuestión de la diáspora y el multiculturalismo (Hall, 2023), las discusiones sobre las comunidades transnacionales y la identificación (García-Canclini, 1988), y la noción de colonialidad del poder (Quijano, 2005), alineada con el debate sobre la latinidad (QUENTAL, 2013), se analizarán los resultados obtenidos con el mapeo de las expresiones artísticas y culturales brasileñas en el exterior.

Palabras clave: emergencia cultural, consulado general, producciones artísticas

Abstract: In recent decades, Brazilian emigration has become a recurrent movement, due to different factors. The United States of America stands out as the country that has received the most Brazilian immigrants, from different socioeconomic levels. This study aims to map the cultural activities disseminated by the Brazilian consulates general in the United States of America, through the Instagram platform. The sample consists of posts made between the months of January and December 2023 about the dissemination and promotion of events related to visual arts, photography, cinema and musical shows. The mapping will be cross-referenced with the results of academic research on the emigration process and the profile of emigrants. Taking as theoretical assumptions the issue of diaspora and multiculturalism developed by Hall (2023), the discussions on transnational communities and identification (Garcia-Canclini, 1988), and the notion of colonality (Quijano, 2005), aligned with the debate on Latinity (QUENTAL, 2013), the results obtained with the mapping of Brazilian artistic expressions.

Keywords: cultural emergency, consulate general, artistic productions

Introdução

Octavio Ianni (2004) define nação como uma longa narrativa construída de múltiplas vozes, “harmônicas e dissonantes, dialogando e polemizando, em diferentes entonações”. A criação artística é uma dessas vozes que “em diferentes gradações e entonações, contribuem para o entendimento de como a nação se pensa e repensa, buscando constituir-se, explicar-se, imaginar-se” (p.176). Este trabalho visa a sondar as criações artísticas de brasileiros produzidas e/ou divulgadas nos EUA para captar a versão de nação brasileira que exteriorizam no início da década de 2020.

Nos últimos anos o Brasil deixou de ser um polo exclusivo de recepção de imigrantes e passou a ser classificado como um país de emigração¹. Tal processo iniciou-se na década de 1960, mas foi a partir de 1980 que o fluxo de brasileiros para o exterior ganhou maior robustez. De acordo com as estimativas do Ministério das Relações Exteriores referentes a 2023², cerca de 4.996.955 brasileiros residem no exterior. Estendendo para o Brasil o que Garcia-Canclini (2008) afirma para a América Latina, o Brasil “anda à solta, transborda seu território, segue à deriva em rotas dispersas” (p.27), provocando a difusão translocal da cultura brasileira. Nesse movimento, não obstante a persistência das fronteiras geopolíticas, as essências identitárias se dissolvem e “os mapas simbólicos se modificam” (p.47).

O crescimento numérico de brasileiros no exterior franqueou a promoção e a difusão da cultura brasileira pela via da diplomacia cultural, colocando a alteração dos mapas simbólicos no radar do MRE (Ministério das Relações Exteriores) que criou, com o Decreto nº.11.024/22, o Instituto Guimarães Rosa (IGR), unidade responsável pela difusão da cultura brasileira no exterior. É nesse contexto que se insere este trabalho que tem por objeto de estudo as manifestações culturais e artísticas de brasileiros nos Estados Unidos, uma vez que esse foi o país que mais absorveu brasileiros (41,72%), assim distribuídos: Nova York (500mil), Boston (420mil), Miami (400mil), Orlando (190mil) e Los Angeles (120mil), entre outras cidades³.

Tomando como observatório os movimentos migratórios dos brasileiros para mapear suas atividades culturais e artísticas, a pesquisa se limita a três postos consulares do leste do

¹ Adoto os termos “emigração/emigrantes” toda vez que focar a saída dos brasileiros e os termos “imigração/imigrantes” quando tratar da sua fixação no solo estrangeiro.

² [BrasileirosnoExterior2023.pdf \(www.gov.br\)](https://www.gov.br/brasileirosnoexterior/2023/01/brasileirosnoexterior2023.pdf)

³Dados extraídos do portal: <https://www.gov.br/mre/pt-br/assuntos/portal-consular/BrasileirosnoExterior.pdf>.

país (Boston⁴, Nova York⁵, e Miami ⁶) e a um do oeste (Los Angeles⁷). A razão dessa escolha está no expressivo adensamento populacional brasileiro e na representatividade dos dois extremos do país receptor seja na concentração dos maiores veículos de comunicação, seja na centralização dos escritórios responsáveis pela produção, distribuição e divulgação de ideias e valores (Abrahamson, 2004, apud Coimbra de Sá, 2011).

As cidades norte-americanas que tomamos como observatório começaram a acolher brasileiros em diferentes períodos. Boston registra, ainda na década de 1940, a recepção de grupos de brasileiros mais antigos, iniciada junto com o retorno de seus empregadores americanos que haviam trabalhado em Governador Valadares na extração mineral da mica para o desenvolvimento da indústria bélica. Na década de 1980 intensificou-se o fluxo de brasileiros, muitos indocumentados, para Massachusetts (Sales, 1995). Na década de 1980 intensificou-se o fluxo de brasileiros, muitos indocumentados, para Massachusetts (Sales, 1995; Siqueira, 2009). Brasileiros provenientes de Criciúma/SC seguem uma trajetória semelhante, movimento que teve seu fluxo aumentado na década de 1990 (Assis, 2004).

Nas demais regiões a emigração brasileira também assumiu proporções significativas a partir de 1980. O deslocamento de brasileiros para Nova York é desse período e foi constituído de elementos com altos níveis educacionais e provenientes da classe média-alta. Nas décadas sucessivas, o movimento envolveu brasileiros de classes baixas, muitos dos quais indocumentados.

O fluxo de brasileiros para a Flórida também remonta à década de 1980. Para Brum (2018), é possível entrever três ondas de entradas de brasileiros, a partir do perfil socioeconômico: a primeira (1980-1990) é marcada pela entrada de empresas multinacionais e de elementos da classe média, a segunda onda (1990-2008) envolveu a classe trabalhadora e a terceira onda (a partir de 2008) as classes altas.

A década de 1940 marca o período do deslocamento dos primeiros grupos de brasileiros para a Califórnia. Acompanhavam seus empregadores que ocuparam uma base do exército norte-americano construída em Natal, durante a Segunda Guerra Mundial (Margolis, 2013). A década de 1970 marca o início do crescimento de brasileiros em Los Angeles, subindo de 4% para 7%. Conforme as estimativas do Census Bureau de 2013, nas décadas de 1980 e de 1990,

⁴ O Consulado-Geral do Brasil em Boston tem jurisdição sobre os estados de Massachusetts, Maine, New Hampshire e Vermont.

⁵ Jurisdição do Consulado-Geral de Nova York: Estados de Nova York, Pensilvânia e Nova Jersey; Ilhas Bermudas (território ultramarino do Reino Unido).

⁶ Jurisdição do Consulado-Geral em Miami: Broward, Charlotte, Collier, DeSoto, Glades, Hardee, Hendry,

Highlands, Lee, Manatee, Martin, Miami-Dade, Monroe, Okeechobee, Palm Beach, Saint Lucie e Sarasota, bem como o Estado Livre Associado de Porto Rico e as Ilhas Virgens Norte-americanas.

⁷ Jurisdição do Consulado-Geral do Brasil em Los Angeles: Arizona, Havaí, Idaho, Montana, Nevada, Utah, Wyoming e, na Califórnia, os condados (*counties*) de Imperial, Kern, Los Angeles, Orange, Riverside, San Bernardino, San Diego, San Luis Obispo, Santa Bárbara e Ventura, e as ilhas norte-americanas no Pacífico: Johnston, Midway, Wake, Howland, Jarvis e Baker, Palmira e Kingman.

a presença numérica de brasileiros nessa cidade aumentou expressivamente, atingindo 18% e 32%, respectivamente (Silva, 2019). O perfil desses brasileiros também é bastante variado, como nas demais cidades.

Tais estimativas estão longe de refletir a real presença brasileira no território estadunidense devido ao grande número de indocumentados e ao fato de que nos censos norte-americanos os brasileiros são rotulados de “latinos” ou “hispânicos”, identidade relacionada à maciça presença de mexicanos e salvadorenhos em Los Angeles, de portorriquenhos e dominicanos no norte e nordeste dos EUA e de cubanos em Miami. Esse rótulo gera certa insegurança devido às ações anti-imigratórias e causa dificuldade no processo de integração do brasileiro pelo fato de a etnia hispânica⁸ ser estigmatizada por ocupar a camada mais baixa da estratificação social na sociedade norte-americana, com exceção de Miami, onde os cubanos alcançaram expressiva força sociopolítica.

Considerando esse panorama, a análise da produção artístico-cultural brasileira considera o desenho do espaço sociocultural norte-americano, com foco nas indústrias culturais, nas condições históricas desiguais da migração brasileira para essas cidades e nos atores estatais, assumindo que “O Estado não cria cultura. Mas ele é indispensável para gerar condições contextuais, as políticas de estímulo e regulação em que os bens culturais possam ser produzidos e acessados com menor grau de discriminação.” (Garcia-Canclini, 2020, p.80).

O Estado, para fora de suas fronteiras geopolíticas, tem nos consulados-gerais a sua representação para os assuntos de política cultural. Nesse quesito, os consulados-gerais têm uma dupla função: atender aos interesses dos artistas e colocar em prática as diretrizes estabelecidas pelo Instituto Guimarães Rosa (IGR), órgão do Ministério das Relações Exteriores (MRE) responsável pela divulgação da cultura brasileira no exterior. Os consulados-gerais devem, de um lado, apoiar, patrocinar e divulgar manifestações artístico-culturais realizadas por brasileiros no exterior e, de outro, auxiliar na internacionalização de produções realizadas no Brasil. No que concerne às diretrizes do IGR, devem fomentar a divulgação seja

⁸ O esquema americano de classificação étnica envolve cinco categorias: afro-americano, asiático- americano, nativo-americano (indígena) e latino/hispânico. Serve-se de uma conotação cultural para categorias raciais como preto, amarelo, vermelho e marrom. (Martes, 2003, p.77)

da cultura popular seja da cultura erudita, com vistas à construção do poder simbólico e do capital cultural brasileiro no exterior (Coimbra de Sá, 2011, p.198).

Como procedimentos para atingir essa política, o MRE lança o programa de apoio a atividades culturais e o consulado-geral procede à abertura de edital e de chamadas públicas para o recebimento de projetos culturais. Recebidas as propostas, o consulado-geral as encaminha para o IGR/MRE que as analisa e lhes dá o apoio institucional. Ao consulado cabe a tarefa de formalizar as atividades e de estabelecer a programação anual para a sua divulgação, contribuindo principalmente com apoio *in natura* (coquetel, jantares, etc.) na estreia da exposição/apresentação da atividade artística. No geral, o consulado-geral exerce a função de estabelecer “uma ponte¹⁰” entre os propositores de projetos/atividades e as instâncias ministeriais que as avaliam e as legitimam com o selo governamental.

Tendo em vista esse panorama, este trabalho objetiva construir uma cartografia das manifestações artístico-culturais de brasileiros no exterior veiculadas pelos consulados-gerais de Nova York, Boston, Miami e Los Angeles, levando em conta que os imigrantes são espectadores, mas, sobretudo, consumidores. Tem por objetivos específicos:

- i. verificar se a produção brasileira está condicionada às especificidades artísticas das cidades norte-americanas, i.e. aos fluxos de informação e às edições musicais e audiovisuais (Garcia-Canclini, 2008);
- ii. contrastar o tipo de linguagem artística com o perfil migratório brasileiro. Qual o tipo de linguagem artística que melhor caracteriza a produção de brasileiros em Boston, local da classe de trabalhadores? A presença de empresários brasileiros e de uma classe abastada (des)favorece a produção de alguma determinada linguagem artística? Para Coimbra de Sá (2011), a classe abastada de brasileiros em Miami é o grande empecilho para uma coesão social e formação de um enclave desse grupo. Seria também empecilho para o fortalecimento da produção artística brasileira?
- iii. observar se há temas que atravessam as diferentes linguagens artísticas. Se, de um lado, o cosmopolitismo e as indústrias culturais “reestrutura[m] os estilos de vida e desagrega[m] imaginários comuns” (Canclini, 2008, p.34), diluindo a diversidade étnica e cultural, de outro, “também trabalham com as diferenças étnicas” e “geram novas distinções” (Garcia-Canclini, 2008, p.31). Por esse viés,

¹⁰ A função consular percebida como ponte é sugerida por um agente consular, em entrevista a Coimbra de Sá (2011, p.194).

a sociedade civil é constituída não somente de espectadores, mas também de consumidores –, perspectiva que favorece simbólica e mercadologicamente a arte popular;

- iv. observar se (e quais) as temáticas das produções artísticas brasileiras aparecem nos diferentes espaços migratórios. Considerando a associação entre setores populares e construção de sujeitos históricos (Garcia-Canclini 2008, p.99), o tema da condição de imigrante fica condicionado ao espaço onde é maior o estigma? Trata-se de um ato de resistência, politização?
- v. refletir sobre possível diálogo entre as atividades artísticas dos brasileiros nos EUA e a tensão social provocada pela identificação do brasileiro com o hispânico;
- vi. observar o envolvimento dos consulados-gerais com as produções artísticas: os consulados restringem-se à publicização de exposições/apresentações, criando espectadores, ou são promotores de exposições/apresentações, criando consumidores? Que temáticas e linguagens artísticas se consome nos ambientes consulares?

Tomando como farol a ideia de que “a experiência do estranhamento serve para olhar o país de origem de um outro modo” (Garcia-Canclini, 2008, p.29), este trabalho é norteado pela seguinte pergunta: qual a imagem do Brasil que a arte brasileira exterioriza? Aventa-se a hipótese de que, por mais que o brasileiro carregue em sua memória alguns ícones da identidade nacional (sensualidade feminina, futebol, mestiçagem e carnaval) (Oliveira, 2004, p.392), eles são dissolvidos em função da condição de produção artística, do interesse do artista em estar representado em um novo universo, das interações transnacionais e da constituição ou não, nesse contexto, de uma “comunidade” brasileira, cujo conceito envolve a ideia de identificação (Warnier, 1999, apud Garcia-Canclini, 2008, p.47), ou seja, uma multiplicidade de identidades (Hall, 2023a), a relação de um para muitos.

1. Pressupostos teóricos

O estudo das emergências artístico-culturais brasileiras em situação de diáspora é subsidiado pelas teorias do multiculturalismo, do poder da colonialidade e pela definição do conceito de comunidades transnacionais e de identificação grupal.

Para Hall (2023a), a globalização gera a homogeneização como tendência cultural, mas não extingue a produção de “efeitos diferenciadores” dentro e entre as sociedades, pois não tem domínio sobre tudo o que alcança. Em um processo migratório, por exemplo, as margens tendem a se deslocar para o centro disseminando aspectos culturais particulares. Com esse deslocamento, as “identidades se tornam múltiplas” (p.26), culturalmente marcadas pela heterogeneidade que é uma característica constitutiva da “comunidade” formada pelos imigrantes.

Nesse processo em que similaridades e diferenças estão em constante tensionamento, a cultura local é fator gerador de segregação dos imigrantes (Garcia-Canclini, 1988). Entretanto, a desorientação do imigrante em uma sociedade cuja ordem simbólica lhe é estranha pode ser solucionada com o recurso da cultura massiva auxiliando-o nas relações interpessoais e na decifração do entorno por meio do intercâmbio de significados culturais e sociais.

Essa perspectiva franqueia um modelo conceitual que distingue dominação de hegemonia. Garcia-Canclini (1988) alerta que dominação implica em submissão e homogeneização; hegemonia envolve uma relação dialética entre homogeneidade e diferenciação social: reconhece e fomenta as diferenças “sob a coesão de um poder unificador” (p.60). Pela lente da noção de hegemonia, a massificação nunca é total. Em suas fissuras é possível “confrontar culturas antes desconectadas” e produzir novas diferenças. Em função da nova estrutura social, é possível que um imigrante readapte as disposições do *habitus* (Bourdieu, 2007) e atualize suas práticas sociais: “Si bien el *habitus* tiende a reproducir las condiciones objetivas que lo originaron, um nuevo contexto, la apertura de posibilidades históricas diferentes, permiten reorganizar las disposiciones adquiridas y producir prácticas transformadoras” (Garcia-Canclini, 1988, p.66-67). Criando a oposição entre práticas (execução do *habitus*) e práxis (transformação da conduta), o autor afasta a ideia de mero processo de reprodução e defende que o *habitus* pode variar a depender do projeto reprodutor ou transformador de cada grupo.

Apesar de o termo “comunidade” evocar “um forte senso de identidade grupal”, não se pode estendê-lo a comunidades transnacionais, uma vez que os grupos de “minorias étnicas” estão envolvidos culturalmente em práticas sociais distintas, que os correlacionam com suas comunidades de origem. Também não cabe aqui a ideia de completa assimilação, pois os “migrantes trazem as marcas da diáspora, da “hibridização” e da *différance* em sua própria constituição” (Hall, 2023b, p.78), originárias do vínculo com seus locais de origem e da articulação com as comunidades contingentes no novo ambiente. Essa configuração

heterogênea das comunidades transnacionais postula o conceito de *différance* (Derrida, 1991) – desconstrução de tudo o que se apresenta como fixo, rígido e imóvel – adotado por Hall (1997) e por Bhabha (1998) na proposição da noção de identificação, associada a variações e circunstâncias (“interstícios” e “tempo liminar”, respectivamente), em lugar da ideia de uma identidade rígida e indelével.

Por essa chave analítica, a globalização engendra “um sistema de con-formação da diferença” (Hall, 2023b, p.56) em que “todos negociam culturalmente em algum ponto do espectro da *différance*” (Hall, 2023b, p.72). Na perspectiva analítica de Garcia-Canclini (1988), a hegemonia articula as diferenças. Esse tipo de abordagem afasta a ideia de que os imigrantes carregam consigo uma memória cultural comum e intacta do seu país de origem. Dentro de uma perspectiva transnacional, a memória cultural é entendida como um processo, pois é constantemente reconstruída, incorporando novos sentidos e valores (Feldman-Bianco & Huse, 1995).

Pelo viés da cultura hegemônica da sociedade receptora, tais diferenças são amantadas pela colonialidade do poder (Quijano, 2005), em que esquemas culturais e de pensamento dominantes legitimam e naturalizam as posições assimétricas forjadas pelas formas de divisão do trabalho e pelo conceito de raça, que encerra identidades sociais inventadas para homogeneizar a diversidade de povos, tal como ocorre com o termo “latino” para designar os povos da América do Sul.

Mignolo (2017) mostrou que a designação “latina” proposta pelos franceses em suas pretensões imperialistas foi apropriada pelos anglo-saxões para marcar, por oposição, a sua superioridade. Como corolário, o conceito de América Latina, criado justamente no período de independência política dos países sul-americanos, assimilou traços racistas explorados pelos Estados Unidos para desqualificar o latino-americano e justificar suas ingerências, efetivando-se como componente geopolítico de reorganização da colonialidade do poder. Além de não representar a diversidade dos povos do continente (Quental, 2013), o termo “latino”, confundido com “hispanico” na sociedade norte-americana, apaga as diferenças culturais entre os países de língua castelhana e portuguesa. O apagamento dessas diferenças gera diferentes efeitos para os imigrantes brasileiros nos EUA, a depender do status da etnia hispânica no território norte-americano. A inserção dos brasileiros nessa categoria pelo censo norte-americano borra as diferenças, criando duas situações opostas: aguça tensionamentos nas áreas em que a etnia hispânica é fortemente estigmatizada e excita aproximações lá onde os hispânicos galgaram prestígio e força sociocultural e política.

Assim, sob a (e apesar da) pressão homogeneizante pela via da latinidade, formam-se ondas de similaridades e diferenças que, em situação diaspórica, (des)articulam os grupos assentados sob o guarda-chuva “latino”/ “hispanico”. Esse tensionamento, bem como a experiência do estranhamento na sociedade acolhedora, provoca no imigrante a reconstrução da memória cultural exteriorizada em suas produções artísticas.

2. Indicativos metodológicos

O uso das tecnologias digitais vem ao auxílio dessas minorias – os imigrantes – possibilitando o surgimento de uma nova ambiência de sociabilização. Com efeito, as mídias e as redes digitais alteraram a produção, a circulação e o acesso aos bens culturais (Garcia-Canclini, 2020, p.37), “desmaterializando” as instituições culturais. Nesse processo as plataformas surgem como comunidades digitais e como instituições culturais que passam a ser ocupadas pelas minorias seja na forma de busca a informações seja na forma de postagens.

O Instagram, lançado em 2010, se tornou um dos canais oficiais do Ministério das Relações Exteriores para divulgar criações artísticas e eventos culturais realizados pelos brasileiros no exterior e, por esse motivo, a análise da emergência cultural brasileira nos EUA, aqui desenvolvida, tomou como base de dados as informações contidas nessa plataforma.

Este trabalho adotou como metodologia a etnografia aplicada à plataforma digital e na observação oculta on-line. Foram coletados dados das páginas do Instagram no site oficial dos consulados-gerais brasileiros das cidades de Boston, Nova York, Miami e Los Angeles. Esse ambiente virtual de rede social foi acessado ao longo do ano 2023 (de 01 de janeiro a 31 de dezembro), tomando-se como norte as postagens relacionadas às atividades artísticas. As informações foram coletadas manualmente, a partir do *feed*, tela principal, onde as postagens são exibidas. À tarefa de coleção e catalogação dos dados, seguiu-se a observação e a transcrição de expressões e mensagens vinculadas ao tema para levantar diferentes variáveis, relacionadas às diretrizes do Instituto Guimarães Rosa, às ações consulares e/ou às ações de órgãos públicos locais. Para além de um tratamento quantitativo, procedeu-se a uma análise qualitativa dos dados adotando como técnica e protocolo cultural a busca incessante de contrastes que pudessem fornecer pistas (Geertz, 1999, p. 10) sobre a(s) imagem(s) do Brasil produzida(s) e/ou divulgada(s) no exterior.

Foram coletadas informações relacionadas a mensagens do corpo consular sobre a divulgação de eventos culturais e artísticos realizados tanto no espaço territorial diplomático

quanto em galerias de arte, salas de cinema, bares, ambiente acadêmico, etc. A amostragem de dados é constituída de informações sobre eventos voltados para as artes plásticas, as artes cênicas e os eventos musicais, procurando atentar para as diferentes tipologias internas dessas linguagens artísticas.

3. O perfil do imigrante brasileiro nos EUA

A sociedade norte-americana classifica os imigrantes em termos de etnicidade, cujo reconhecimento oficial pode garantir a sua participação nas quotas de Ação Afirmativa bem como assentir a cidadania em sua dimensão cívica, possibilitando o acesso efetivo a serviços e bens públicos. Como já assinalado, os bancos de dados do Censo Americano não reconhecem a figura “brasileiro”, inserindo as informações relativas ao perfil desse imigrante no bloco dos hispânicos. Essa leitura acarreta, de um lado, vários problemas para os brasileiros nas localidades em que o hispânico é mal apreciado, por outro, facilita a inserção do brasileiro nas localidades em que essa minoria étnica é bem avaliada. Assumimos que as atividades artísticas dos brasileiros nos EUA, de certa maneira, refletem ou dialogam com a tensão social provocada pela identificação do brasileiro com o hispânico. Por esse motivo, passamos a traçar o perfil dos brasileiros nas quatro cidades em que está a sede do consulado-geral do Brasil.

Os brasileiros que se deslocaram para Boston têm baixo nível de escolaridade. No conjunto, apresentam o seguinte perfil ocupacional: 1. Trabalhadores de baixa renda; 2. Microempresários e trabalhadores autônomos detentores de um ofício; 3. Trabalhadores autônomos de baixa qualificação. Há uma pequena parcela de brasileiros com nível superior formada em faculdades pouco valorizadas e em áreas saturadas no mercado profissional os quais, por dificuldades na mobilidade social no Brasil, se sujeitam a trabalhos menos qualificados nos EUA. Para se distinguirem dos hispânicos e serem bem aceitos pela sociedade americana, os brasileiros construíram para si a imagem de povo trabalhador e empreendedor. Muitos se autoproclamam *managers* por serem donos de pequenos estabelecimentos comerciais, sediados nos próprios bairros onde residem; outros “vendem empregos [o lugar de faxina, por exemplo] em nome de uma [suposta] comunidade” (Martes, 1999, p.91).

Os brasileiros na área de Boston¹¹ vivem em situação de vulnerabilidade, quanto à sua identificação, por três motivos: i. o processo imigratório homogêneo, pela nacionalidade e

¹¹ Como a representação consular brasileira no Estado de Massachusetts está sediada em Boston, falarei em Boston para referenciar a área maior.

pela condição de não-documentado, as pessoas que pertencem a diferentes classes sociais, de que resultam conflitos e clivagens internas ao grupo brasileiro; ii. a rotulação do brasileiro como hispânico (em Boston, os portorriquenhos atingem 42%) provoca mal-estar pelo fato de essa etnia ocupar o lugar mais baixo na estratificação social nessa sociedade; iii. o preconceito brasileiro contra os hispânicos recai sobre si, uma vez que o brasileiro tende a ser visto pela sociedade americana como “hispânico” (Martes, 1999, p.162).

Uma saída para o brasileiro é se associar aos portugueses, açorianos e cabo-verdianos, que têm uma forte presença na região. Essa associação, porém, não é imune de conflitos, pois as “lideranças portuguesas desenvolvem uma postura paternalista em relação aos brasileiros, paternalismo este que encobre uma posição que se quer de superioridade e, portanto, mais vantajosa”, criando embaraços para a “maioridade [dos brasileiros] na representação política e associativa” (Martes, 1999, p.176). Apesar desses entraves, o brasileiro tem acesso a diferentes associações comunitárias e a um bom número de programas de rádio com propagação de músicas brasileiras, além de jornais e revistas redigidos em português brasileiro.

Nos últimos tempos, os brasileiros têm deixado a região, por diferentes razões, entre as quais o alto preço da moradia. O deslocamento atinge também os brasileiros que viviam em cidades pequenas, como Framingham, devido a uma virulenta campanha televisiva veiculada, em 2004, pelo programa *Illegal Immigration Chat*, contra os imigrantes indocumentados (Margolis, 2013). A identificação dos brasileiros com os hispânicos, tidos como desordeiros e indolentes, tem aumentado o fluxo migratório, não obstante os brasileiros sejam reconhecidos na região pelo empreendedorismo e pela sua atuação hard-working e sejam apontados como os grandes responsáveis pelo renascimento de centros comerciais da cidade (Sales, 1999).

Diferentemente do que ocorre em Boston, os brasileiros em Nova York têm bom nível de escolaridade (31% concluíram a graduação, contra 24% da média americana) e pertencem à classe média e média alta (Margolis, 1994; Sales, 1999; Martes, 1999). A composição do quadro de brasileiros é constituída de empregados assalariados, comerciantes do *Little Brazil* (rua 46 Oeste em Manhattan) e a elite brasileira. A classe abastada se concentra em Manhattan, “entre gente fina” (Margolis, 1994, p.347).

Tanto em Nova York (NY) quanto em Nova Jersey há organizações, muitas vezes ligadas a órgãos religiosos, que poderiam favorecer uma coesão do grupo e a percepção de direitos de acesso a serviços e bens públicos e coletivos, mas desde 2001 os brasileiros começaram a se dispersar na área metropolitana de NY e, hoje em dia, residem em várias cidades que compõem a região (Margolis, 2013). Apesar da existência dessas organizações, as

pesquisas sobre os brasileiros têm revelado ausência de solidariedade e de coesão do grupo, por “falta de interesse em se considerarem como unidade” (Panosso, 2016, p.215). Essa postura é radicalizada pelos brasileiros de Manhattan que mostram rejeição e preconceito em relação aos conacionais.

A rejeição não vem apenas da classe abastada. Muitos brasileiros de classe média, por estarem em condição ilegal, assumem trabalhos de caráter servil. Assim como ocorre em Boston, a queda de status leva os “decaídos” a forjarem novos padrões de classificação social, baseados em estilo de vida e ocupações, para estabelecerem diferenças entre os que detêm maior capital cultural e os que dele são privados (Margolis, 1994, p.339). Uma diferença em relação a Boston é que os brasileiros em NY não trabalham no mesmo lugar em que residem. Essa diferença é marcante na medida em que não se vislumbra agregação e sociabilidade entre brasileiros em Manhattan, lugar de trabalho daqueles que residem no Queens, em Astorias e em Newark.

O contato entre brasileiros e hispânicos se dá no Queens onde se espalha um grande número de portorriquenhos e dominicanos. Esses hispânicos também não têm capital socioeconômico e “são prontamente absorvidos pela estrutura da cidade” (Oliveira, 2005) que, por acolher imigrantes de diferentes origens, dificulta a proeminência de qualquer grupo (salvo o chinês).

A diversidade étnica também é um traço da cidade de Los Angeles (Silva, 2019), com alta concentração de asiáticos e hispânicos – principalmente mexicanos (39,5%) e salvadorenhos (7,5%) – que, tal como ocorre em Nova York, não têm capital socioeconômico e expressão política. Os brasileiros, por sua vez, marcam presença na cidade, mas não chegam a constituir um grupo distinto (Beserra, 2007), pois “encontram-se mais espalhados e, de certa forma, mais integrados na comunidade local” (Silva, 2019, p.75).

Uma peculiaridade da cidade de Los Angeles é sua estrutura fragmentada, pois a cidade é “polinucleada e descentralizada” e a downtown não passa de um dos centros econômicos e financeiros da cidade. A característica polinuclear da cidade é um aspecto a ser levado em conta para explicar o elevado grau de dispersão territorial dos brasileiros.

Os imigrantes brasileiros que se destinam ao oeste dos EUA têm qualificações superiores à média da população da área metropolitana Los Angeles-Long Beach: 50,6% dos brasileiros com idade acima de 25 anos completaram o ensino superior contra 19,6% e 30,9%, respectivamente. Não obstante o bom perfil de formação do brasileiro que se desloca para a Califórnia, muitos exercem profissões de baixa e média qualificação. A percentagem de

imigrantes brasileiros que exercem cargos dirigentes ou profissões liberais não excede os 13%, com destaque às relacionadas ao mundo do espetáculo, saúde e desportos.

O Estado da Flórida abriga uma grande massa de brasileiros. O sul da Flórida conta com dois condados em que a presença de brasileiros é bastante significativa: Miami-Dade e Broward. Os brasileiros em Pompano Beach (Broward) pertencem à classe média baixa e constituem uma categoria visível, ao passo que os que residem em Miami-Dade pertencem a diferentes segmentos sociais. Segundo Margolis (2013), é possível identificar quatro grupos de brasileiros em Miami: i. a elite brasileira, constituída de uma vasta população de imigrantes classe média/média-alta com alto nível de escolaridade: são consultores financeiros, executivos e empresários; ii. trabalhadores qualificados e familiares, como os executivos de bancos e de multinacionais e profissionais liberais; iii. proprietários de pequenos negócios (restaurante, postos de gasolina, agência de turismo, etc.); iv. trabalhadores de classe média e média baixa, com diferentes níveis de escolaridade.

Há, em muitos casos, disparidade entre nível de escolaridade e tipo de emprego que exercem nos EUA, pois, apesar de serem mais qualificados, a condição de imigrante, muitas vezes indocumentado, lhes veda o trabalho a que estariam habilitados. Assim como ocorre em outras cidades, a queda de status de brasileiros bem qualificados provoca a criação de novos padrões de classificação no interior do grupo: os brasileiros em Pompano Beach se autodefinem como *hard-working* e estigmatizam os de Miami-Beach como cariocas; os de Miami-Dade veem os brasileiros de Pompano Beach como mineiros e roceiros. Também é interessante observar como os brasileiros se veem na sociedade americana. Assim como ocorre em Boston, os brasileiros de classe baixa em Miami encampam o “espírito empreendedor”, pois se autodeclararam “manager” por exercerem atividades que lhes permitem gerenciar o tempo de trabalho e ganhar gorjetas, como ocorre no ramo dos *valet parkings*.

Miami é também uma cidade receptora da migração interna de brasileiros provenientes de Massachusetts, Nova York e Nova Jersey. Se de um lado Miami abriga uma classe empresarial e de profissionais bem-sucedidos, por outro abriga o segmento mais baixo da estratificação social que se dissolve entre os demais latinos (Oliveira, 2004). Essa dissolução dos brasileiros entre os hispânicos é mobilizada pela força do enclave cubano na região: em Miami a comunidade hispânica, cujo ponto de referência é o bairro Havana, constitui uma minoria étnica que ocupa uma boa posição na estratificação social, por ter presença cultural predominante e, sobretudo, por ter força social e política. Desse modo, a identificação do brasileiro com o hispânico em Miami pode gerar bônus, pois o cubano é o *mainstream* da

sociedade local, inclusive politicamente, diferentemente do que ocorre em Boston, onde o hispânico é fortemente discriminado. O prestígio alcançado pelos latinos em Miami é tal que seus produtos culturais são considerados pela sociedade americana como “exemplos de uma cultura popular urbana contemporânea e não simplesmente ‘étnica’ ou ‘exótica’” (Coimbra de Sá, 2011, p.93).

De acordo com Brum (2018), a criação de uma imprensa étnica¹² e de espaços de sociabilidade em Miami, como igrejas, associações recreativas, culturais e de ajuda mútua, viabiliza a reafirmação coletiva de uma identidade nacional. Naturalmente, essa coesão deve ser relativizada, pois os brasileiros em Miami se articulam de forma diferente, ocupando diferentes espaços da cidade. Para Oliveira (2005), em Miami os brasileiros de classe abastada evocam “igualmente sentimentos de padrões culturais da matriz brasileira intercalados com padrões adquiridos da matriz social norte americana” (p.277) e fomentam uma situação de afastamento e não de solidariedade e coesão entre os conacionais. Para a autora, os brasileiros em Miami recompõem o Brasil desigual e mais do que isso, a classe abastada não só não favorece a estruturação do grupo como a dificulta, tornando-se em grande fator impeditivo da formação de um enclave brasileiro em Miami.

É natural que os brasileiros estabeleçam relações com seu grupo ou com outros segmentos (Ribeiro, 1999). Desse trânsito emergem (des)identificações culturais, a depender do contexto. Os estudos referem uma maior articulação entre os brasileiros em Boston, mas a sua identificação como hispânicos, fortemente estigmatizados na região, os tem tornado alvo de discriminação pela sociedade local. Em Miami, a imigração de brasileiros de diferentes esferas socioeconômicas recompõe as desigualdades sociais brasileiras. Como válvula de escape, brasileiros de baixo nível social tendem a se misturar com os cubanos que gozam de força social e política. Em Los Angeles e em Nova York os brasileiros se dissolvem. Em Nova York, a distinção entre local de trabalho e de residência os desagrega, ao menos no que diz a Manhattan, onde trabalham. Além disso, em Nova York a presença de várias etnias faz dela uma cidade patchwork e o brasileiro é apenas um de seus retalhos. Resultado semelhante é encontrado em Los Angeles cuja constituição polinuclear e descentralizada leva à dispersão dos imigrantes.

¹² Os brasileiros em Miami contam com 12 jornais brasileiros (1 semanal, 4 quinzenais, 4 mensais e 3 bimestrais); 4 revistas (2 mensais); 4 programas de rádio, 1 programação de TV (Oliveira, 2005, p.318).

4. O Brasil artístico nos EUA

O paradoxo do *lobby* das empresas e do governo americano para frear a produção cultural endógena é escancarado por Garcia-Canclini (2008), ao alertar para as equações – Nova York-Artes Plásticas; Miami-Música e Los Angeles-Cinema. Vai daí que o exame das atividades artístico-culturais brasileiras deve ter como método o cotejo dessas equações com o conjunto de criações artísticas brasileiras, levando em conta as condições históricas desiguais da inserção do brasileiro no espaço sociocultural norte-americano. Com base nesse esquema, seria de se supor que os artistas brasileiros buscassem se adequar à indústria cultural desenvolvida nessas cidades.

O gráfico que se segue apresenta a correlação entre cidade e linguagens artísticas desenvolvidas por brasileiros:

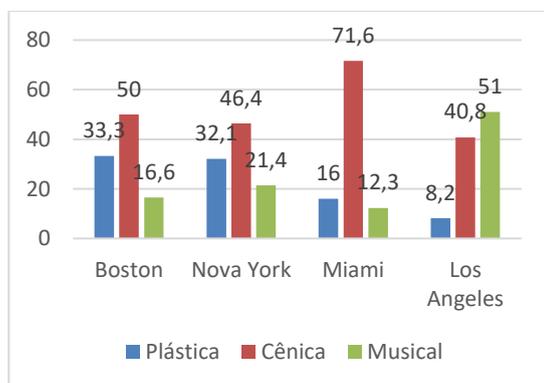


Gráfico 1 – Linguagem artística vs posto consular nas cidades americanas

Abrahamson (2004, apud Coimbra de Sá 2011) aponta que os dois grandes polos de concentração da maior cadeia produtiva de cinema (produção, distribuição e exibição) são Nova York e Los Angeles. Entretanto, nem as artes cênicas nem as artes plásticas produzidas por brasileiros despontam de forma absoluta nessas localidades. Em Los Angeles, por exemplo, as produções artísticas brasileiras que estão mais evidência pertencem ao ramo musical. Curiosamente, é Miami que avulta como *locus* das artes cênicas brasileiras (71,60%), ainda que essa cidade seja vocacionada para a fonografia, como sugere a equação de Garcia-Canclini.

Esse primeiro enquadramento sugere que as produções artísticas brasileiras respeitam parcialmente os espaços de desenvolvimento da indústria cultural norte-americana e confirmam, também parcialmente, a equação de Garcia-Canclini. Esse resultado nos leva a analisar cada linguagem artística separadamente.

4.1. Artes plásticas brasileiras produzidas/divulgadas nos Estados Unidos

Para melhor descrever as atividades artísticas brasileiras produzidas ou divulgadas nos EUA, procedemos à análise de cada tipologia artística. As artes plásticas foram divididas em cinco categorias: fotografia, escultura, pintura, mural e híbrida, constituída da mescla das demais (pintura e escultura, pintura e fotografia ou arte em Canvas). A tabela 1 apresenta os resultados da divulgação de atividades artísticas plásticas nessas categorias, por posto consular:

	Fotografia		Escultura		Pintura		Total
	n.oc.	%	n.oc.	%	n.oc.	%	n.oc.
Boston	01	50,0	01	50,0	-	-	02
Nova York	05	50,0	02	20,0	03	30,0	10
Miami	-	-	01	7,7	12	92,3	13
Los Angeles	02	50,0	01	25,0	01	25,0	04
Total	08	28,6	05	17,8	15	53,6	28

Tabela 1 – Artes plásticas em cidades americanas¹

A divulgação das artes plásticas de brasileiros em Nova York e Los Angeles é mais incisiva na fotografia. No ano de 2023, recorte temporal aqui adotado, as galerias de arte dessas cidades (e de Boston) exibiram *Amazônia* (fig.1)¹³, de Sebastião Salgado e, em Nova York, em particular, uma galeria realizou a mostra *The Yanomami Struggle* (fig.2), de Claudia Andujar, a seguir:



Fig. 1 *Amazônia*, Sebastião Salgado Fig. 2 *The Yanomami Struggle*, Claudia Andujar

Na categoria escultura, Boston foi a única área em que a exposição foi em espaço público, pois a prefeitura local promoveu, nas estações de metrô, o projeto *Muitas culturas, um só coração* que destacou suas muitas faces étnicas, com a participação de três artistas brasileiros residentes em Massachusetts.

Nova York sediou duas exposições: o Swiss Institute expôs o trabalho de Jac Leirner que transforma objetos do cotidiano e a Americas Society expôs *Deep Marajó* (fig.3), de Ronaldo Guedes, em que se recuperam as técnicas tradicionais de cerâmica indígenas para

¹³ As imagens sem a identificação da fonte foram retiradas das páginas do Instagram dos Consulados.

abordar mitos amazônicos e histórias orais das comunidades locais. Já em Los Angeles, o LACMA (Los Angeles County Museum of Art) sediou a exposição de Flávio Cerqueira, intitulada *Histórias Afro-Atlânticas*, com destaque a obra *Amnésia* (fig. 4), representando o embranquecimento da cultura e da memória brasileira. Na Universidade de São Diego, Eder Muniz realizou o mural *Marielle* (fig.5).



Fig. 3 *Deep Marajó*, Ronaldo Guedes



Fig. 4 *Amnésia*, Flávio Cerqueira



Fig. 5 *Marielle*, Eder Muniz

Assim como ocorre com a fotografia, a linguagem escultural em exibição em Nova York enfoca a questão amazônica, com a cerâmica marajoara que representa mitos locais. Vale a pena ressaltar a relação entre a vida vegetal e o crânio das figuras, se se leva em conta que, de acordo com a proposta de uma filosofia da natureza, “É em face do mundo e da natureza que o homem pode verdadeiramente pensar” (Coccia, 2018, p.22).

Em Miami, deu-se atenção exclusivamente à pintura. No The House of Arts, Betta Santini e Elisa Wuo, mesclando pintura e escultura em vidro, trataram da natureza dual do caminho do imigrante na exposição *Raízes brasileiras: Jornada de reflexão e identidade*. Na 17ª. edição da Feira Pinta Miami, voltada para a diversidade artística da América Latina, se reuniram 51 galerias e Anna Biondo expôs a obra *Os homens estão presos em gaiolas e os pássaros voam por toda parte cantando segredos*. Marcela Cantuária expôs *O sonho sul-americano* (fig. 6) no Pérez Art Museum Miami (PAMM), em que faz tributo a ativistas e ambientalistas históricos e destaca a beleza de sua luta para a proteção dos recursos naturais da América do Sul:



Fig. 6 *O sonho sul-americano*, Marcela Cantuária
[Marcela Cantuária \(@marcelacantuaria\)](https://www.instagram.com/marcelacantuaria)

Na 3ª. edição da Casa Brasil Miami, um coletivo de 10 artistas participou de exposição em tributo a Cândido Portinari e, para comemorar o 10º. Aniversário do BRACE (Brazilian American Center), foi realizada a I Exposição de arte e fotografia, com foco na pintura em tela, teatro e música, com a dança forró por um grupo local. A feira da Fundação The55Project promoveu a exposição do artista plástico indígena Miguel Penha Chiquitano que se dedica à pintura de matas e cerrado, a produção da artista transgênero, Efe Godoy, que reconfigura plantas e animais a partir da interpenetração de desenhos e pinturas, e também a de Laura Gorski que toma a folha e o desfolhar como marcadores do tempo, o corpo como abrigo-casca para interpretar o habitar como exercício de movimento e a folha como vida que brota do encontro de dois seres humanos (fig.7). afinal, como diz Coccia (2018, p.32), “a origem de nosso mundo são as folhas”, pois elas criaram a atmosfera para a maioria dos seres vivos. Na leitura de Gorski, a floresta favorece o encontro amoroso seja consigo seja com o outro, pois tudo acolhe dentro do todo.



Fig. 7 *Brotar no encontro*, Laura Gorski
<https://lauragorski.com/Brotar-no-encontro>

Em suma, as exposições da arte brasileira em galerias e museus envolveram diferentes tipos de linguagens. A predileção do brasileiro pela fotografia em Nova York pode estar relacionada com o fato de que Manhattan é o lugar do mundo com maior concentração de fotógrafos (Abrahamson, 2004, apud Coimbra de Sá 2011, p.211). Em geral, as exposições fotográficas, seja em Nova York seja em Los Angeles, tematizavam a diversidade étnica e a vida na Amazônia, com foco nos povos originários; as escultóricas abordavam o tema do cotidiano (Nova York), a diversidade étnica (Boston e Los Angeles) e os mitos amazônicos (Nova York). As exposições pictóricas ficaram concentradas em Miami e em Los Angeles. Em Miami o tema central encerrava uma cosmovisão diferente, tomando a folha como a origem da vida e como organização do tempo; já as criações artísticas expostas em Los Angeles –*Amnésia* e *Marielle* – apresentaram um olhar mais politizado, leitura que é reforçada pela mostra *O Mundo Tornado Maravilhoso: o Gabinete do Colecionador Holandês e as Políticas de Posse*, realizada pelo LACMA (Los Angeles County Museum of Art), a qual faz uma análise crítica das práticas de colecionismo europeu no contexto da colonização holandesa no Brasil.

4.2 Artes cênicas brasileiras produzidas/divulgadas nos Estados Unidos

As atividades cênicas realizadas por artistas brasileiros nos Estados Unidos se distribuem nas categorias teatro, dança e cinema. Como sugere a tabela 2, o teatro brasileiro é produzido apenas em Boston e o espetáculo de dança tem pouca representatividade.

	Teatro		Cinema		Dança		Total
	<u>n.oc.</u>	%	<u>n.oc.</u>	%	<u>n.oc.</u>	%	<u>n.oc.</u>
Boston	02	66,7	01	33,3	-	-	03
Nova York	-	-	13	100	-	-	13
Miami	-	-	58	98,3	01	1,7	59
Los Angeles	-	-	19	95,0	01	0,5	20
Total	02	2,1	91	95,8	02	2,1	95

Tabela 2 - Artes cênicas vs cidades americanas

Boston se revelou a cidade do teatro brasileiro, tendo apresentado duas peças. O Teatro Chelsea Works exibiu a comédia *Crazy Life*, de Cláudia Beleli, a qual tem por escopo a desarticulação de um grupo de imigrantes brasileiros, tomando como exemplo a dificuldade de realizar uma festa surpresa de aniversário. A escritora e diretora de teatro Edel Holz, dona de uma companhia teatral, produziu o espetáculo infantil *Ali... onde Judas perdeu as botas!*, musical que recupera cantigas de rodas.

Em Los Angeles, a coreografia do espetáculo *Digital Body Language Workshop*, realizada pela dançarina Analivia Cordeiro e pelo cientista da computação Nilton Lobo, envolvia a relação entre dança e movimento, arte plástica e tecnologia da mídia. Em Miami o show *Saudade do meu Brasil* trouxe a fusão do ballet contemporâneo com o folclore brasileiro para celebrar o dia da independência.

O cinema teve alta expressividade nas cidades de Nova York (100%), Miami (98,3%) e Los Angeles (95%), ao contrário de Boston que contou com a presença de uma única cineasta no Festival de filmes independentes. Residente em Massachussetts, Lyria Garcia produziu o curta-metragem *Waysland-We Will Find a Way*, que descortina a realidade dos imigrantes, abordando suas dificuldades, conquistas e esperança.

Nova York e Miami integraram o 27th Inffinito Brazilian Film Festival, criado e dirigido por Adriana L. Dutra, Cláudia Dutra e Viviane B. Spinelli, evento cultural que tem por objetivo dar visibilidade e promover o Brasil no território estadunidense, além de ser um expediente de prospecção de negócios. Em março o consulado-geral de Miami divulgou a abertura de inscrições para o festival nas seguintes condições: i. Longa-metragem, ficção e documentários; ii. Filmes produzidos por brasileiros ou radicados no país há mais de 03 (três) anos. A participação em “Mostras Competitivas” contemplava filmes inéditos no circuito comercial e filmes lançados para o grande público entre janeiro de 2022 até agosto de 2023. Em Miami as produções brasileiras foram exibidas em sessões especiais¹⁴ e online, na plataforma inff.online. O programa virtual foi dividido em quatro blocos: i. Tetê Moraes Tribute Screenings¹⁵ (6

¹⁴ *Emicida: amarELO* – é tudo para ontem, de Fred Ouro Preto; *Elis & Tom*, só tinha de ser com você, de Roberto de Oliveira e Jom Tob Azula; *Vai ter troco*, de Maurício Eça; *Fogaréu*, de Flávia Neves; *Pérola*, de Murilo Benício; *O pastor e o guerrilheiro*, de José Eduardo Belmonte; *A porta ao lado*, de Júlia Rezende; *Noites alienígenas*, Sérgio de Carvalho; *Domingo à noite*, de André Bushatksy; e ainda *Nosso sonho*, a história de Claudinho e Buchecha, direção de Eduardo albergaria.

¹⁵ Tributo a Tetê Moraes: *Terra para Rose* (1987); *Família de Axé* (2019); *O sonho de Rose* (1987); *O ar nosso de cada dia* (1992); *O sol, caminhando contra o vento* (2006); *Nasci para bailar* (2010).

filmes); ii. Panorama Screenings¹⁶ (8 filmes); iii. Documentary Competition¹⁷ (19 filmes) e iv. Indigenous Screenings¹⁸ (10 filmes) e LGBTQIAPN+Screenings¹⁹ (05 filmes).

Em Nova York, o Inffinito apresentou uma programação bem mais enxuta, tendo exibido seis documentários²⁰ e três longas²¹, um dos quais foi também exibido em outro festival (Tribeca). Além desses dois festivais, uma mostra de filmes com foco na perspectiva das mulheres indígenas (fig. 8) exibiu o documentário *Esta é nossa terra*, de Carolina Canguçu e Roberto Romero. Os autores salientam que, apesar do desmatamento feito pelos brancos, suas terras são reflorestadas por histórias e cantos de indígenas que ali estiveram. Em sequência à apresentação do filme, abriu-se uma roda de conversa para discutir o cinema indígena e sua proposta de imaginar o futuro:



Fig. 8 Perspectivas das mulheres - NY

¹⁶ Panorama Screenings: *The Situation*, de Tomás Portella; *Faraway song*, de Clarissa Campolina; *Captain Wits*, de Filipe Gontijo; *Endless Love Tale*, de Daniel Alvim; *Down Quixote*, de Leonardo Cortez; *Too Soon*, de José Lavigne; *Poropopó*, de André Abujamra; *Slam*, de Pedro Amorim.

¹⁷ Documentary Competition: *Smoking I wait*, de Adriana Dutra; *A Journey thru Rio's Street Parade*, de Adriana Dutra; *Transtime*, de Adriana Dutra; *Opção América*, de Adriana Dutra; *Sons Brasilis*, de Adriana Dutra; *Opção Laje*, de Adriana Dutra; *Transgente*, de Adriana Dutra; *Andança*, de Pedro Bronz; *Não é a primeira vez que lutamos pelo nosso amor*, de Luís Carlos de Alencar; *Black Rio*, Emílio Domingos; *De longe toda serra é azul*, de Neto Borges; *De você fiz meu samba*, de Isabel Nascimento Silva; *Germínio pétalas no asfalto*, de Júlio Matos e Coraci Ruiz; *Nada sobre meu pai*, de Susanna Lira; *Lupicínio Rodrigues – Confissões de um sofredor*, de Alfredo Manevy; *Môa, Raiz Afro-Mãe*, de Gustavo McNair; *Fio do Afeto*, de Bianca Lenti; *Fausto Fawcett na cabeça*, de Victor Lopes; *Eskawata Kayawai* (O espírito da transformação), de Lara Jacoski e Patrick Dequech Belem.

¹⁸ Indigenous Screenings: *Jungle Fever, de Takumã Kuikuro*; *Ava Yvy Vera (Terra do povo do raio)*, de Genito Gomes; *The Civilized*, de Zahy Tentehar and Candombá; *Kaapora – o chamado das matas*, de Olinda Muniz Silva Wanderley; *Nheé kuery jogueru ter (Nossos espíritos seguem chegando)*, de Ariel Ortega Kuaray Poty; *Paola*, de Ziel Karapotó; *Kin – the Hope of the World*, de Graciela Guarani; *Pe ataju jumali / Hot air*, de Margarita Weweli-Lukana & Juma Pariri; *Pankararu Sound Experiences*, de Gean Ramos; *Xe Ñeé (My Being)*, de Graciela Guarani.

¹⁹ *But Still, like air, we'll always rise*, de Clara Angélica; *Seguindo todos os protocolos*, de Fábio Leal; *A primeira morte de Joana*, de Cristiane Oliveira; *Não é a primeira vez que lutamos pelo nosso amor*, de Luís Carlos de Alencar; *Germínio pétalas no asfalto*, de Júlio Matos e Coraci Ruiz.

²⁰ *Dom Salvador & abolição*, de Artur Ratton; *Eskawatã Kayawai* (O espírito da transformação), de Lara Jacoski e Patrick Dequech Belem; *Emicida: amarELO – é tudo para ontem*, de Fred Ouro Preto; *Miúcha, the voice of bossa nova*, de Liliane Mutti; *Terruá Pará*, de Jorane de Castro, e *Elis & Tom*, só tinha de ser com você, de Roberto de Oliveira e Jom Tob Azula.

²¹ *Fogaréu*, de Flávia Neves; *Carvão*, de Carolina Marcowicz, e *Estranho caminho*, de Guto Parente.

Segundo um agente consular, o posto de Nova York apoia dois festivais de cinema, um no MoMa e outro no Central Park. O primeiro exhibe mais documentários, “filmes considerados um pouco mais, digamos, intelectualizados” (Coimbra de Sá, 2011, p.196), e tem como público mais americanos do que brasileiros; o segundo atrai brasileiros de fora de Manhattan. Isso pode justificar porque o Festival Inffinito e as demais mostras de filmes brasileiros privilegiaram documentários. O Center for Jewish History exibiu o documentário *A estrela oculta do sertão*, de Elaine Eiger e Luize Valente.

Em Los Angeles, os filmes brasileiros foram exibidos em sete festivais: i. Los Angeles Latino International Film Festival (LALIFF); ii. 41ª. edição Outfest Los Angeles LGBTQ Film Festival; iii. Festival de Cinema do American Film Institute (AFIFEST); iv. Festival do Sul da Califórnia e Havaí; v. 43ª. edição do Hawai International Film Festival (HIFF); vi. 16ª. Edição do Los Angeles Brazilian Film Festival (LABRFF) e vii. 15ª. edição do Hollywood Brazilian Film Festival (HBRFF). Nesses festivais foram projetados quatro longas metragens²², cinco documentários²³, a animação em 2 D *A outra forma* e dois curtas metragens (*Mãri Hi* – a árvore do sonho, do Yanomami Morzaniel Framari, e *Caiçara*, de Oskar Metsavaht). Nas sessões livres foram exibidos dois longas (*Retratos fantasmas* e *O som ao redor*, ambos de Kleber Mendonça Filho), um curta metragem (*Bem-vindo de volta*, de Nicole Gullane) um filme de animação (*Arca de Noé*, de Sérgio Machado) e cinco documentários²⁴. Alguns títulos (6/20) coincidem com os dos filmes projetados Inffinito Festival no leste americano.

Resumindo, Miami abriu espaço para a exibição de filmes produzidos por indígenas e LGBTQIAPN+, mas a exposição fílmica ficou restrita ao festival Inffinito. Diferentemente, Nova York, não obstante tenha optado por uma programação mais enxuta no festival Inffinito, ampliou a área de exibição: os filmes brasileiros foram exibidos em sessões livres e em outro festival (Tribeca). Sediou também uma mostra de filmes produzidos por mulheres indígenas que lutam para reproduzir as vozes dos antepassados em terras cujas árvores foram arrancadas. As produções fílmicas brasileiras em Los Angeles foram exibidas em sete diferentes festivais e em sessões livres, o que aponta para uma maior capilaridade do filme brasileiro na sociedade

²² *Carvão*, de Carolina Marcowicz; *Os delinquentes*, de Rodrigo Moreno; *Retratos Fantasmas*, de Kleber Mendonça Filho; *Vermelho Monet*, de Halder Gomes.

²³ *Exu e o universo*, de Thiago Zanato; *Elis & Tom*, só tinha de ser com você, de Roberto de Oliveira e Jom Tob Azula; *Pele de vidro*, de Denise Zmekhol, e *Crowã* – a flor do Burity, de João Salaviza e Renée Nader Messora, *Procuro teu auxílio para enterrar um homem*, de Anderson Bardot.

²⁴ *Elis & Tom*, só tinha de ser com você, de Roberto de Oliveira e Jom Tob Azula; *Pisar suavemente na erra*, de Marcos Colón; *Eu*, de Ludmila Dayer; *O território e o silêncio que canta por liberdade*, de Omar Marzagão e Úrsula Corona.

californiana. Essa maior distribuição do filme brasileiro talvez esteja relacionada com o público-alvo, pois, como observam Ribeiro (1996) e Margolis (2013), em relação às atividades culturais brasileiras realizadas na região de São Francisco, os participantes das atividades culturais brasileiras costumam ser os norte-americanos.

4.3 Apresentações musicais brasileiras nas cidades americanas

Analisamos as apresentações de música vocal e de música instrumental. Separamos os grandes shows produzidos pelas turnês de artistas brasileiros daqueles produzidos por bandas locais.

	Música Vocal Banda		Música Vocal Shows		Música Instrumental		Total
	<u>n.oc.</u>	%	<u>n.oc.</u>	%	<u>n.oc.</u>	%	
Boston	-		01	50,0	01	50,0	02
Nova York	01	11,1	07	77,8	01	11,1	09
Miami	05	45,4	03	27,3	03	27,3	11
Los Angeles	06	25,0	17	70,8	01	4,2	24
Total	12	26,1	28	60,9	06	13,0	46

Tabela 3 - Apresentações musicais ^{vs} cidades americanas

A tabela 3 aponta a predileção pela música vocal. Nova York e Los Angeles receberam amplamente as turnês de artistas brasileiros: Boston contou com a turnê de Lulu Santos e Miami com a turnê dos Titãs, de Zeca Pagodinho e de Lulu Santos. Los Angeles foi a cidade que mais sediou shows musicais²⁵ (16), seguido de Nova York²⁶ (07). Miami deu mais atenção às bandas locais.

Quanto aos músicos locais, em Boston, os artistas foram convidados a se apresentarem nos concertos de verão na Copley Square para divulgação da música brasileira para o público local, com apoio financeiro da Biblioteca Pública. Em Nova York os 50 anos do hip hop foram comemorados por Arthur Verocai & Orchestra que apresentaram o show *Jazz está morto*, no Lincoln Center.

As bandas locais de Miami investiram no choro, no jazz brasileiro e na bossa nova. Na categoria de música instrumental, se apresentaram a dupla guitarrista Lima/Sequeira e o Jacaré Brazil in Concert que realizou o choro e a música tradicional na Escola de Música; o Brazilian

²⁵ Shows em Los Angeles: Marisa Monte, Seu Jorge e Daniel Jobim, Arnaldo Antunes e Vitor Araújo, Diogo Nogueira, Bebel Gilberto, Ermicida, Chico Pinheiro, Guinga, Zeca Pagodinho, Lulu Santos, Djavan, Rodrigo Amarante, Toni Garrido, Zé Renato, Scott Mayo, Rogê.

²⁶ Shows em Nova York: Marisa Monte, Roberta Campos, Gilberto Gil, Lulu Santos, os Titãs, Ney Matogrosso com a cantora de fado Mariza, Arnaldo Antunes e Vitor Araújo.

Music Institute (BMI) sediou o evento “Do Choro à música de Câmara”. Duas foram as bandas locais que fizeram apresentações musicais: a banda brasileira Gafieira Rio Miami atuou misturando samba, jazz e soul e a Brazilian Voices realizou os concertos *Quiet Bossa* e *Amazonas, o ritmo da natureza*, retratando a força da floresta e os seus desafios, com projeção de imagens e de pinturas de comunidades indígenas.

O samba e a bossa nova são referências culturais brasileiras em Los Angeles. Sua popularidade se faz notar na atuação de músicos locais que, pertencentes a diferentes bandas, celebraram os 65 anos da bossa nova em diferentes eventos. As apresentações instrumentais e vocais foram realizadas pelas bandas formadas por brasileiros radicados em Los Angeles (Sambalismo; Open Strings; Brazilian Music Get-Together, que se apresentou no Consulado em diferentes eventos e From Samba do Bossa Nova, no Brasil Cultural Center). De modo geral, as bandas locais se concentraram nos gêneros samba e bossa nova, salvo o trio Open Strings que privilegiou o choro e o forró, além de executar outras composições.

Em resumo, as apresentações musicais tiveram o apoio do poder público na área do posto consular de Boston o qual patrocinou e financiou grupos para realizarem concertos de música de verão em praça pública. Nova York e Los Angeles foram as cidades que mais atraíram as turnês de músicos brasileiros. Miami e Los Angeles contaram com apresentações de bandas locais. Quanto ao gênero musical, Nova York ficou com o jazz, o soul e o hip hop; Los Angeles incluiu o forró em sua programação, que executou, assim como ocorreu em Miami, o choro, o samba e a bossa nova. Todos os postos consulares reverberaram a comemoração do dia nacional do choro (24 de abril), com o anúncio de que o Itamaraty oferece acesso ao sítio eletrônico <https://pixinguinha.com.br/>, mantido pelo Instituto Moreira Salles.

4.4 Arte no Consulado-Geral

Sob a rubrica Arte no Consulado, foram realizadas exposições fotográficas (Los Angeles e Nova York) e pictóricas (Miami e Nova York) de brasileiros radicados nas áreas de jurisdição dos referentes postos consulares. A falta de anúncio desse tipo de evento nas dependências do consulado-geral do Brasil em Boston sugere que as atividades artísticas foram realizadas apenas fora do ambiente consular.

Na categoria fotografia, o consulado-geral brasileiro em Los Angeles exibiu *Da Árvore da Vida às Folhas do Conhecimento*: transcendendo a estética (fig.9), do fotógrafo Rodolfo Ward. O posto novaiorquino sediou a mostra coletiva *Bridging horizons*, com a curadoria do artista americano-brasileiro Paul Clemence. As peças artísticas da mostra coletiva trazem

perspectivas brasileiras para as tendências atuais da fotografia, veiculando a ideia de entrelaçamento, fronteiras e desvios. O consulado expôs *Paisagens brasileiras* (fig.10), de Valdir Cruz, cujas imagens trazem um mundo exuberante e líquido, e abriu espaço para o projeto *The Four Elements* (fig.11), de Elton Davel. Englobando série, exposição de arte, livro e documentário, o projeto tem por escopo suscitar a relação entre homem e natureza, a partir da dança *That Brazilian Couple* do casal de bailarinos Ana Luiza Luiz e Junio Enrique.

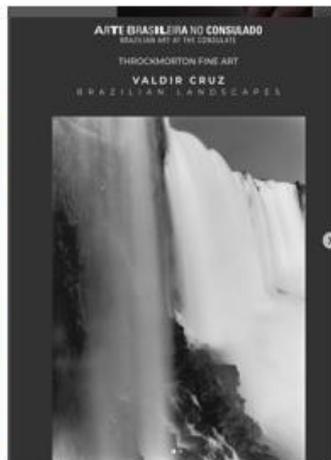
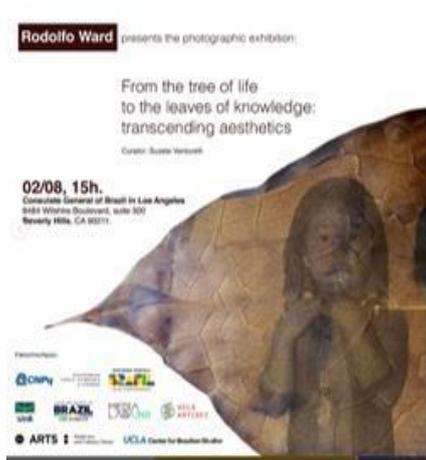


Fig. 9 *Da árvore da vida às folhas do conhecimento: transcendendo a estética.* Rodolfo Ward.

Fig. 10 *Paisagens brasileiras.* Valdir Cruz

Fig. 11 *Os quatro elementos.* Elton Davel

Assim como se verificou nas exposições em galerias e em museus, os consulados em Los Angeles e em Nova York fizeram exposições fotográficas que abordam a natureza e sua relação com o homem. A mostra de Los Angeles desenvolve a ideia de que “Interrogar as plantas é compreender o que significa estar-no-mundo” (Coccia, 2018, p.13). Segundo o filósofo, esse seu poder advém do fato de que as plantas aderem integralmente ao meio circundante e se confundem com a substância do mundo. “Transformam tudo o que tocam em vida” (p.15), conhecimento que o homem deve buscar para mudar a rota de sua inserção no mundo.

O evento Arte Brasileira no Consulado em Nova York trouxe a exposição *People of our time: The Pulse of Today's World in Canvas*, em que o artista Paulo Gouvêa entrelaça pessoas, ambiente e cultura. Na categoria pintura, sediou a mostra *Eyes of the Street* (12) do grafiteiro Enivo, inspirada no cotidiano das ruas de Nova York e de São Paulo, e a série de pinturas intitulada *De onde você é originalmente?* (13) de River Koelo, que convida a refletir sobre como o imigrante é representado na sociedade, a partir do questionamento dos padrões de beleza e das formas do corpo.

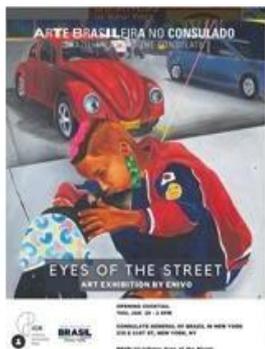


Fig. 12 *Eyes of the street* Envo



Fig. 13 *De onde você é originalmente?* River Koelo

As temáticas do cotidiano e das pessoas de nosso tempo fazem as contas com a diversidade étnica da cidade de Nova York, cuja fundação se deve às constantes ondas migratórias, à quantidade numérica e à diversidade dos imigrantes (Jones 1961, apud Oliveira 2004). Esse perfil da cidade borra a ideia de elemento nativo ou local e faz emergir o apreço pela noção da multiculturalidade, apesar de considerar apenas os brancos europeus. Tendo em vista essa condição especial da cidade novaiorquina, não se pode tributar o tema da diversidade presente nas obras artísticas de brasileiros radicados na cidade exclusivamente à condição de imigrante do brasileiro. O imigrante brasileiro é apenas um pedaço do patchwork da diversidade que vigora na cidade e o artista nessa condição trata desse tema respondendo a esse contexto sociocultural, afinal, a cultura se dá no contato (Babha, 1998; Hall, 2003).

Em Miami o espaço consular expôs (07/12) atividades artísticas. O grupo de artistas era majoritariamente feminino (5/7). Na exposição *Raízes Brasileiras*, a obra escultural em vidro de Betta Santini e as pinturas terrosas de Elisa Wu representavam a adaptação dos imigrantes brasileiros.

As artistas Tereza Hazelton e Fernanda Froes contribuíram com o aumento do patrimônio cultural do consulado, pois cada uma doou uma obra ao posto que proporcionou a exposição. Tereza Hazelton expôs, pela perspectiva aérea, a magnificência da natureza; Priscila Schott explorou padrões geométricos; Pierre Britt, por meio de formas abstratas e cores vibrantes, incitava a refletir sobre a resiliência humana; Heloísa Maia explorou como tema central de seu trabalho a força da mulher; Fernanda Froes salientou a importância da preservação do patrimônio natural e cultural das Américas. Utilizando-se do pigmento das folhas da árvore do pau-brasil, a artista cria a série *Utopic Forest* (fig.14) para mostrar que a inescrupulosa exploração do pau-brasil está levando ao risco de extinção dessa árvore que passará a integrar uma mera floresta imaginária. Alinhada a esse tema, Flavia Daudt, inspirada

na frase “Natureza é uma força que inunda como deserto”, de Manoel de Barros, trabalhou, em colagem, o desmatamento do cerrado e a sua transformação em uma zona árida como o sertão.



Fig. 14 *Utopic Forest Series*, Fernanda Froes
https://www.instagram.com/p/Cqgm1TG0tPR/?img_index=2



Fig. 15 *Project Ser (tão)*, Flavia Daudt
<https://www.instagram.com/flaviadaudtphotos/>

Todos os artistas que tiveram suas obras expostas no espaço consular são radicados nos Estados Unidos, salvo o fotógrafo que expôs sua obra no consulado de Los Angeles. Essa exceção se deve ao fato de que o artista se achava em Los Angeles realizando parte de sua pesquisa de doutorado. Embora o posto de Boston não tenha sediado atividades artísticas brasileiras na categoria pintura, mencionou a celebração dos 100 anos da Semana de Arte Moderna, colocando à disposição um filme no YouTube e apresentando o website agendatarsila.com.br em que são divulgados entrevistas, vídeos e conteúdos inéditos relativos à pintora modernista. Saindo do âmbito da exposição, vale salientar que o consulado em Miami divulgou o programa de residência artística do Sertão Negro Ateliê e a Escola de Artes com a finalidade de estimular a experiência de artistas nas comunidades quilombolas.

No âmbito das atividades cênicas, o posto consular novaiorquino exibiu um único documentário: *Parece que existo*, de Mario Salimon. Os demais postos consulares se restringiram à divulgação de festivais ou de filmes em sessões livres. O de Miami divulgou a chamada para projetos e o de Los Angeles publicizou o evento voltado para a discussão sobre financiamento e apoios a projetos audiovisuais em que havia a sessão “O retorno à grande cena do Brasil: incentivos ao cinema para produções locais e estrangeiras. Perspectivas sobre a indústria cinema brasileira e quadros regulatórios”. Divulgou também a abertura de inscrições para a participação do Latin American Training Center Global Film & TV Program, para os festivais de cinema no sul da Califórnia e Havaí e da 4ª. edição do Los Angeles International Music Video Festival (LAMV), plataforma de apoio a artistas independentes.

No âmbito musical, o posto novaiorquino sediou a apresentação Música Judaica, em comemoração à chegada dos judeus brasileiros em 1654 e o posto de Los Angeles deu guarida

a eventos musicais realizados pela banda Brazilian Music Get-together, centrando na bossa nova, samba e em outros ritmos latinos.

Afora os eventos presenciais, as diferentes cidades contaram com programação musical radiofônica. Entretanto, o consulado de Los Angeles foi o único que, quinzenalmente, anunciou a programação musical brasileira – *The Brazilian Hour* – que contemplava os mais diferentes ritmos brasileiros: o samba, o choro e, sobretudo, a bossa nova que completava os seus 65 anos. Além disso, o consulado lançou o podcast *The Brazilian Hour*, com 7 episódios, na plataforma Spotify, com entrevistas exclusivas e música brasileira. A banda Brazilian Music Get-Together, formada de elementos de outras bandas locais, se apresentou nas dependências do posto consular de Los Angeles. Por sua vez, o consulado em Miami comemorou o dia nacional do choro, anunciando que o Itamaraty²⁷ punha à disposição uma playlist de músicas de Pixinguinha no sítio eletrônico <https://pixinguinha.com.br/>, mantido pelo Instituto Moreira Salles.

Esses resultados sugerem que, sob o rótulo de Arte no Consulado, o espaço consular é um *locus* de promoção da arte produzida por brasileiros residentes no exterior. Miami parece liderar esse nicho, pois é o único posto que divulga o programa de residência artística em comunidades quilombolas. Além disso, a sua atuação sugere a possibilidade de o consulado ter como retorno uma abrangente coleção de arte brasileira produzida no exterior, graças à doação de obras dos artistas que têm suas obras expostas no consulado-geral, processo que de certa maneira evoca o dia do Patrimônio Cultural (17 de agosto), comemorado pelo Ministério das Relações Exteriores com publicação de imagens das obras artísticas no Itamaraty que todos os consulados-gerais reverberam em sua página no Instagram. O consulado-geral do Brasil em Los Angeles publiciza encontros que discutem apoios a projetos audiovisuais e faz divulgação cerrada da música brasileira, com apresentação celebrativa dos 65 anos de bossa nova bem como dos 45 anos do programa de rádio *The Brazilian Hour* produzido pelo Consulado. Em suma, à exceção de Boston, os postos consulares nas diferentes cidades abrigaram, no ano de 2023, produções artísticas de brasileiros radicados nas áreas de sua jurisdição, além de

²⁷ Apesar da existência de rádio brasileira nas quatro cidades, a divulgação da programação é realizada apenas pelo consulado em Los Angeles. O programa *The Brazilian Hour*, produzido pelo consulado-geral vai ao ar aos sábados e domingos, na KXLU 88,9 FM e também em streaming em www.kxlu.com. O consulado-geral do Brasil lançou também o podcast “The Brazilian Hour”, na plataforma Spotify, com músicas (MPB, choro, samba, bossa nova e outros gêneros) e entrevistas a Caetano Veloso e a cantores locais. Além de programas ecléticos, reunindo bossa nova, samba e músicas românticas, há programas voltados exclusivamente para a MPB, para o choro e para a bossa nova (“Bossa 65: celebrating Carlos Lyra and Roberto Menescal”), e outros em tributo a cantores, como João Donato, Dorival Caymmi e Astrud Gilberto.

publicizarem a exibição de produções artísticas em outros espaços (como galerias, museus, etc.) como forma de internacionalizar a arte brasileira.

5. Alinhavando os resultados

Apesar das equações propostas por Canclini-Garcia (2008) que associa Nova York a artes plásticas, Miami a música e Los Angeles a cinema, um agente consular brasileiro em Nova York indicou, em entrevista, a música e o cinema como campos que mais atraem o público brasileiro nessa cidade (Coimbra de Sá, 2011, p.197). A análise da divulgação de eventos na página oficial dos consulados-gerais no Instagram mostrou, também, que a produção brasileira está parcialmente condicionada às especificidades artísticas de cada cidade indicadas por Canclini-Garcia.

Cotejando cidade e atividade artística, observa-se que em Miami prevalecem as artes cênicas (71,6%); em Nova York as artes cênicas brasileiras suplantam as artes plásticas (46,4% e 32,1%, respectivamente) e em Los Angeles é a arte musical que se sobrepõe à arte cênica (51% e 40,8%, respectivamente). Esses dados sugerem as equações Miami-cinema, Nova York-cinema e Los Angeles-música. Entretanto, como a diferença percentual está abaixo de 15%, é prematuro dizer que Nova York seja essencialmente cênica e Los Angeles, musical.

Afirmar que Miami seja mais cênica que Los Angeles também é questionável, pois há diferentes perspectivas de análise. Em termos de número de filmes exibidos, Miami sobrepuja as demais cidades. Outro fator que alça Miami a cidade cênica “brasileira” é a abertura que o Inffinito Festival deu para produções de grupos minoritários, como indígenas e LGBTQIAPN+. Há, porém, o fato de que esse foi o único festival em que os filmes brasileiros foram exibidos. Em contraste, Los Angeles não exibiu um grande número de filmes e não abriu espaço para produções de grupos minoritários, mas se destacou pelo fato de ter exibido filmes brasileiros em sete diferentes festivais de cinema, o que sugere essa cidade dispõe de melhores condições para uma maior circulação e divulgação das obras cinematográficas brasileiras.

Talvez a equação de Canclini-Garcia (2008) deva ser reformulada atentando para as especificações de cada linguagem artística, de modo que a dizer que a pintura está para Miami como a fotografia para Nova York e Los Angeles. Pode-se estender essas correlações para o campo das apresentações musicais (Miami divulgou bandas locais, Nova York e Los Angeles recepcionaram turnês). O fato de Nova York e Los Angeles abrigarem os maiores veículos de comunicação pode explicar a sua preferência pelas turnês musicais e pelas artes reproduzíveis tecnicamente, como a fotografia (Benjamin, 1987).

Quando se cruza o tipo de linguagem artística com o tipo de perfil brasileiro, observa-se que nas cidades onde há a presença de classe média e média alta, há maior envolvimento com cinema (Nova York, Los Angeles e Miami). Esse investimento na filmografia pode ser explicado em parte pelo fenômeno da cidade global, entendida por Castells (2005), como “um processo que conecta serviços avançados, centros produtores e mercados em uma rede global com intensidade diferente e em diferente escala” (p.470). Nova York e Los Angeles se acham no topo da escala de importância no fluxo de informação, pois abrigam os maiores veículos de comunicação e as sedes dos maiores exportadores de produtos da indústria cultural, relacionáveis ao mundo audiovisual e musical. Além disso, há que se considerar que o cinema é um setor empresarial que demanda mão-de-obra especializada em criação artística (roteiristas, atores, cinegrafistas, editores, engenheiros de som, etc.) e em outras áreas como administração e marketing. A presença de brasileiros com esses tipos de especializações pode ser um facilitador para o desenvolvimento de atividades cinematográficas nessas cidades.

O desenvolvimento do Inffinito Brazilian Film festival e a sua exportação para Nova York sugerem que a presença de uma classe abastada de brasileiros em Miami é um dos fatores que pode justificar a produção e divulgação do cinema brasileiro, ainda que, segundo Coimbra de Sá (2011), configure um empecilho para a coesão social dos brasileiros nesta cidade. A importância da presença de brasileiros de alta estratificação social no setor cinematográfico ganha solidez quando se analisa o caso de Boston. Com efeito, essa cidade receptora de brasileiros de baixa estratificação social é a única área em que o cinema brasileiro não ganhou projeção sobre as demais atividades artísticas. Em Boston foi o teatro que ganhou atenção. A esse propósito, é interessante lembrar que os brasileiros nessa cidade tendem a se reunir nas lojas para “trocarem figurinhas”:

Em Framingham, por exemplo, há uma joalheria brasileira onde existe uma grande mesa redonda com uma bandeja de café. Ao redor da mesa, os brasileiros se sentam para conversar, contar piadas, falar sobre futebol, fazer “fofoca”, discutir sobre a vida nos Estados Unidos, a política no Brasil, etc. (Martes, 1999, p.96)

As lojas brasileiras favorecem conexões entre brasileiros para a troca de informações, “oferecem um espaço aberto de sociabilidade” e auxiliam na organização da “comunidade brasileira” (Martes, op.cit. p.96), ou seja, constituem espaços interacionais e socioculturais que promovem os produtos e, por consequência, o elo com a identidade brasileira. Ainda que não

se possa estabelecer uma relação entre teatro e o hábito de se reunir nas lojas, não deixa de ser curioso que em ambos os casos a comunicação exige maior esforço por parte do espectador/audiência para completar os dados do que aquele verificado no cinema que, por exigir rapidez de percepção na apreensão das sequências fílmicas, limita a atividade mental do espectador levando-o a identificar a imagem com a realidade (Horckheimer & Adorno, 2009).

Dois temas atravessam as diferentes linguagens: conexão homem-natureza e diversidade cultural/e ou étnica. Se o primeiro retrata o Brasil que o migrante carrega em sua memória, o segundo, exteriorizando a situação da diáspora (Hall, 2023) representa o imigrante em um ambiente multicultural e a consequente reidentificação simbólica com esse contexto.

O tema natureza ou conexão homem-natureza é tratado em praticamente todas as linguagens artísticas e nas produções de todas as cidades, tanto fora quanto dentro dos consulados (salvo o de Boston, pois não realizou atividades no espaço consular). Vários trabalhos apresentam a cosmovisão dos povos originários: a relação folha-conhecimento (Los Angeles), folha-tempo/corpo-casca (Miami) e cerâmica marajoara-mitos amazônicos (Nova York). Essa cosmovisão que integra o patrimônio cultural brasileiro sai das margens (Hall, 2023b) para os centros produtores e divulgadores, pela via da arte brasileira e pelas rodas de conversas ocorridas em centros culturais e nas universidades americanas.

A diversidade cultural atravessa todas as linguagens artísticas. É tema recorrente das artes plásticas brasileiras em Nova York e Miami (Arte no consulado) e em Boston (fora do consulado). Nova York promoveu exposições de obras cujo tema era o cotidiano e a diversidade étnica; Los Angeles hospedou exposições de obras que impregnam um olhar crítico ao que ocorre no Brasil: a amnésia ou o embranquecimento da cultura brasileira e o mural Marielle (ambos fora do consulado). Há que se convir que os artistas brasileiros radicados nos EUA “fazem parte de comunidades minoritárias por serem imigrantes e atuam em um nicho de mercado étnico, dedicado a manifestações culturais estrangeiras” (Coimbra de Sá, 2011, p.111).

Como lembra a autora, apesar de sua condição de imigrante, os artistas brasileiros são valorizados por produzirem cultura brasileira em solo americano, o que não pode ser realizado por nenhum outro elemento de qualquer outra nacionalidade. Por outro lado, a segregação do imigrante e o contato com a circunstância multicultural em Nova York e em Los Angeles tornam perceptível, aos brasileiros, a multiplicidade de identidades de seus conacionais cujo efeito é a derrubada do “mito” freyriano da democracia racial. Além disso, há que se levar em conta que a ideia de Brasil em Nova York “não é associada de forma direta e imediata aos fluxos migratórios” (Coimbra de Sá, 2011, p.221), mas, dado o alicerce imigratório da própria cidade,

as atividades dos brasileiros são vistas como uma questão cultural. A nosso ver, essa perspectiva pode ser estendida para Los Angeles, em virtude da presença de imigrantes diversificados, da constituição polinuclear da cidade e da conseqüente pulverização de brasileiros.

Essas apreciações sugerem que o tema da diversidade cultural não se encerra na bagagem do imigrante brasileiro, mas é pensado e repensado, a partir da incorporação de sentidos em situação de contato (Babha, 1998; Hall, 2023b; Canclini-Garcia, 2008a). Afinal, apesar de o mito fundador da noção de sociedade americana se pautar na ideia de um “melting pot” idealizado como união fraterna e harmoniosa de imigrantes europeus (ingleses, alemães e nórdicos), ondas de imigrantes católicos no século XVIII (escoceses, irlandeses, alemães, suíços, franceses, e judeus holandeses, alemães, portugueses e espanhóis), de europeus do sul e do leste (italianos, russos, gregos, poloneses, turcos, escravos e judeus russos) no final do século XIX e de latinos e asiáticos no século XX vão formando a trama étnica de sua composição populacional (afora os negros, que não são tidos como imigrantes) e construindo estereótipos que deixam aflorar a repulsa e a intolerância pelas novas etnias. No embate entre estabelecidos e outsiders (Elias, 2000), a catalogação étnica das novas levas de imigrantes mascara e justifica a diferenciação social (Oliveira, 2004), mas não evita atritos entre os grupos, como se verifica na área de jurisdição de Boston.

No caso de Nova York (mais especificamente em Manhattan) e de Los Angeles em que os grupos de imigrantes são pulverizados, o tema da diversidade é assimilado como questão cultural e não como questão social, razão pela qual as manifestações artísticas brasileiras que abordam essa temática devem interessar sobretudo o público norte-americano.

Já em Boston os brasileiros são claramente vistos como imigrantes e sua produção artística está fortemente condicionada por esse fator, ou seja, as atividades artísticas dos brasileiros emergem da condição de imigrantes e de sua identificação como latinos/hispânicos. Apesar da aversão que os brasileiros expressam pelos hispânicos, a sua identificação com essa etnia realizada pelo próprio censo americano os tem incluído na mira de atitudes de rejeição e de violência. Para distensionar o ambiente, “palco de retórica anti-imigrante” (Margolis, 2013, p.113), os órgãos públicos locais adotaram políticas afirmativas. Encomendaram esculturas sobre diversidade étnica para serem expostas em lugares públicos e promoveram, dando apoio financeiro, uma apresentação musical na Copley Square. A reboque dessas políticas afirmativas, o tema da diversidade étnica emerge como ato de resistência.

Também em Miami os brasileiros são identificados pela sua condição de imigrantes e pelo rótulo de latinos/hispânicos. Entretanto, diferentemente do que ocorre em Boston, os

latinos em Miami são bem avaliados e tolerados. Em seu esforço de reterritorialização, os brasileiros (e latinos, em geral) animam a “capital da América Latina” por meio da elaboração de representações do espaço que habitam (Feldman-Bianco & Huse, 1995). Na exposição *Raízes Brasileiras*, as artistas Elisa Wuo e Betta Santini transmitiam os desafios enfrentados pelos imigrantes na ruptura de fronteiras e a sua acomodação em uma terra multicolorida e multicultural.



Fig. 16 *Raízes Brasileiras*, Elisa Wuo e Betta Santini

Mas em Miami o tema da diversidade é mais abrangente, alcançando, para além das questões raciais e étnicas que emergem em situações diaspóricas, o gênero e a neurodiversidade, como mostram o filme *Down Quixote* (2022), de Leonardo Cortez, com elenco formado exclusivamente por atores com Síndrome de Down, e duas exposições de arte assinadas por artistas com autismo, por ocasião da 3ª. Edição do Sagrado Eycontact Artweekend. Seria o caso de se perguntar se a expansão do tema da diversidade é uma forma de eliminar estereótipos ou se faz parte do esquematismo da indústria cultural que, ao adotar uma ideia geral, cria uma ordem e dilui oposições e conexões (Horckheimer & Adorno, 2009, p.10). Considerando que “a identidade da espécie [entendida aqui como a ideia geral] impede a dos casos” (op.cit., p.26), o tratamento genérico dado à diversidade inviabiliza a análise das variáveis, dos argumentos e das circunstâncias que sustentam a relevância da luta pelos diferentes tipos de diversidade.

No âmbito cinematográfico, os filmes brasileiros exibidos em Nova York, Los Angeles e Miami têm em comum duas temáticas: o universo indígena e a música brasileira. Para além delas, cada cidade selecionou temas específicos. O filme brasileiro exibido em NY capta o pulsar do cotidiano da cidade (de Nova York, de São Paulo e do interior do Brasil) e faz instantâneos de representações do imigrante, assim como se verificou nas artes plásticas; em Los Angeles, muito genericamente, pode-se dizer que, tal como ocorreu nas artes plásticas, o artista brasileiro volta a câmera para o Brasil e expõe suas mazelas: as tensões entre brancos e indígenas e o abandono do centro histórico de cidades brasileiras.

Esse panorama sugere que, apesar de serem metrópoles que apresentam uma vibrante

diversidade étnica, duas cidades cosmopolitas e de “centros produtores e mercados em rede global” (Castells, 2005, p.470) tendem a recepcionar filmes brasileiros que extrapolam a questão étnica, para se inserirem em uma dinâmica cultural diferenciada e globalizada. Afinal, nessas duas cidades, a ideia de Brasil, como já afirmamos, não se correlaciona com fluxos migratórios, mas como uma questão cultural (Margolis, 1994; Coimbra de Sá, 2021).

A filmografia brasileira em Miami explora questões sociais, focando a cultura popular que está nas bordas. Embora o brasileiro não se identifique como hispânico em Miami, não rejeita de todo essa etnia, pois o grupo cubano é “expressão de força social e mesmo política naquele local” (Oliveira, 2004, p.302). O poder adquirido pelos cubanos serve de estímulo aos artistas brasileiros que se voltam às questões sociais mais abrangentes e, com isso, elaboram representações associadas ao espaço que habitam como estratégia de reterritorialização: engajamento da mulher e de grupos discriminados, busca das próprias raízes e reavaliação de relações pessoais.

No que concerne à música, a cidade de Los Angeles também é apontada como responsável pela difusão sobretudo da bossa nova, devido à indústria de gravações e ao circuito de conexão internacional que caracteriza essa cidade (Riedinger, 1997, apud Beserra, 2007). Samba, bossa nova, jazz e choro são gêneros musicais fartamente presentes em Los Angeles e em Miami, seja pela atuação de bandas locais, seja pela disponibilização de *playlists*, por parte do Ministério de Relações Exteriores. Uma das bandas locais de Miami realizou um concerto focando A propaganda que o consulado de Los Angeles faz, religiosamente a cada quinze dias, da emissora de rádio *The Brazilian Hour* dá continuidade à tradição da cidade em divulgar a

música brasileira. Já em Miami uma banda local realizou um concerto em tributo à floresta amazônica e à cultura dos povos originários.

O interesse pela vida na floresta amazônica aparece em todas as linguagens artísticas: artes plásticas e cênicas (em Nova York, Miami e Los Angeles) e artes musicais (Miami). Esse interesse por uma cosmovisão diferente não se restringe ao mundo artístico. Foram temas de palestras, rodas de conversas e workshops.

Em Nova York a Universidade de Columbia sediou a conferência “Consciência Negra Brasileira no Exterior” abrindo debates sobre vulnerabilidades de raça, gênero e origem. Em Los Angeles, o Center for Brazilian Studies da UCLA realizou o Webinar “Made in Amazonia: The Globalization of South American Psychotropic” (fig.17) e a conversa pública sobre “Art/Alliances/Social Justice: Afro-Indigenous Artistic Practice Across the Americas”.



Fig 17 *Made in Amazonia*

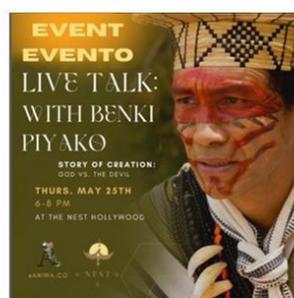


Fig 18 *Abenki Piyako, do povo Ashaninka*



Fig 19 *Arassari, da tribo Pataxó*

A comunidade The Nest, em Hollywood, promoveu uma noite de contação de histórias com o líder indígena e ativista ambiental do povo Ashaninka (fig.18). Além de dar a versão da criação da perspectiva de seu povo, Benki Piyako discorreu sobre a transformação necessária para os homens viverem alinhados à Terra e entre si. Em Miami, o centro cultural Brasil USA e o consulado-geral receberam Arassari (fig.19), da tribo Pataxó, para falar sobre a história do Brasil pela perspectiva de seu povo.

Considerações finais

Em 8/1/2023 o Consulado-Geral do Brasil em Miami lançou o *Acontece Magazine* com a notícia de abertura de inscrições de projetos para integrar a temporada de eventos culturais *A Journey Through Brazilian Experiences* garantindo, aos selecionados, o apoio institucional na sua divulgação, mas não o apoio financeiro:

Estão abertas as inscrições para a edição de 2023 da temporada cultural do Consulado “A Journey through Brazilian Experiences”.

Você tem um projeto na área cultural? Tem interesse em contar com o apoio do Consulado? Então faça sua inscrição na Journey 2023!

O Consulado-Geral do Brasil promove todos os anos sua temporada cultural, conhecida como “A Journey through Brazilian Experiences”. A iniciativa tem como objetivo reunir os principais eventos de promoção da cultura brasileira, sejam eles relacionados música, às artes plásticas, à gastronomia, à moda, aos esportes, entre outros. Os projetos selecionados para a temporada são divulgados por meio das ferramentas de marketing e mídias sociais do Consulado-Geral. Além disso, os autores dos projetos são autorizados a utilizar a logo marca do Consulado em seu material de divulgação. Assim como em anos anteriores, não há oferta de apoio financeiro às iniciativas, limitando-se a participação do Consulado-Geral ao apoio institucional aos projetos escolhidos.

Caso tenha interesse em participar da temporada cultural do Consulado, preencha e envie o formulário anexo para cultura.miami@itamaraty.gov.br.

Miami foi a única cidade que transmitiu, pelo Instagram, o anúncio de abertura de inscrições de projetos. Essa cidade também se destaca por ter realizado o 27th Inffinito Brazilian Film Festival, convidando os artistas brasileiros a apresentarem seus projetos, abrindo espaço para a produção de grupos minoritários (indígenas e LGBTQIAPN+), e criando mostras competitivas. Embora Nova York também tenha tido a sua edição do Inffinito, não teve a mesma abertura: não convocou artistas, não abriu espaço para grupos minoritários e não criou competições. Os artistas brasileiros em Los Angeles tiveram acesso a diferentes festivais, mas, como em Nova York, não foram “acionados” para apresentarem seus filmes por um convite consular. Entretanto, há que se fazer uma ressalva a essa falta de divulgação, pois ao longo do ano o consulado de Los Angeles anunciou discussão sobre financiamento e apoios a projetos audiovisuais, salientando as perspectivas sobre a indústria cinematográfica brasileira.

Para responder à pergunta norteadora desse trabalho (Qual a imagem do Brasil e que identidade brasileira a arte brasileira no exterior transmite?), levamos em conta duas perspectivas: a arte produzida no Brasil e levada ao exterior e a arte de brasileiros produzida no exterior, visto que a análise desta segunda perspectiva prevê a noção de estranhamento que aflora em situação de contato (Bhabha, 1998; Hall, 2023a; Canclini, 2008a).

Nos dois casos foi possível observar que duas temáticas atravessam as produções artísticas brasileiras nos EUA: a diversidade e a conexão homem-natureza, com destaque à cosmovisão dos povos originários. Em um primeiro lance de vista, a apresentação de uma outra cosmovisão pode sugerir um alinhamento ao exotismo, ideia que a indústria cinematográfica de Hollywood exportou para o mundo, a partir da figura de Carmen Miranda²⁹. Essa versão que

²⁹ Os traços que mobilizam a fantasia da exotização que sustenta o estereótipo da mulher brasileira “convergem para um primitivismo já superado pelas sociedades civilizadas”. Em vez de marcar uma ótica diferente [“ex-ótica”], exotização passou a marcar uma relação de dominação (Todorov, 1993, apud Beserra, 2007), uma “representação deformada que facilita e justifica a dominação” (Beserra, 2007, p.314).

ainda marca a ótica norte-americana em relação à cultura brasileira (Beserra, 2007), não parece estar no radar da produção artística brasileira, pelo menos não na lógica de representação da imagem brasileira autorizada pelo MRE que aprova os projetos a serem divulgados e apoiados pelos consulados-gerais.

De modo geral, os consulados-gerais atuaram como agentes de internacionalização da arte brasileira, ao darem publicidade a exposições e apresentações de obras de brasileiros em diferentes espaços (museu, galeria, universidade³⁰, etc), mas atuaram também como promotores da arte realizada por brasileiros radicados nos Estados Unidos. Com exceção da filmografia, as linguagens artísticas realizadas dentro e fora do espaço consular são as mesmas e a temática também percola os diferentes ambientes, ganhando destaque a conexão homem-natureza e a diversidade³¹.

Os temas da diversidade cultural e da floresta amazônica explorados pelos artistas brasileiros no exterior são retomados em projeto da Embratur. O anúncio da Galeria Visit Brasil foi realizado pelas três megalópoles para promover a cultura brasileira e o turismo no Brasil. Trata-se de uma experiência imersiva com obras de artistas brasileiros, shows ao vivo, workshops interativos e apreciação de sabores brasileiros. Contrapondo-se, indiretamente, à ideia hollywoodiana do Brasil exótico, o consulado brasileiro em Los Angeles salienta que o tema da galeria “É Espetacular. É Brasil” é um convite para o mergulho na diversidade e na riqueza cultural do “Brasil with an S”. A especificação da escrita brasileira é um indício de esforços para afastar a perspectiva “ex-ótica” vinda de fora e impor uma visão decolonizadora. Os postos consulares de Nova York e de Miami não trazem à cena essa especificação, ressaltando apenas que o evento proporciona uma experiência imersiva e interativa por meio da qual os visitantes criam itinerários personalizados e, com ajuda de óculos de realidade virtual, percorrem a floresta amazônica.

³⁰ Para celebrar o bicentenário das relações diplomáticas entre Brasil e EUA, uma equipe do posto consular novaiorquino se articulou com o diretor do Centro de Estudos Brasileiros da Universidade de Princeton e com o diretor do Centro de Estudos Latino-Americanos e Caribenhos da Universidade de Nova York, para organizar eventos e programas relacionados à pesquisa e promoção artístico-cultural. A articulação entre consulado e universidades americanas também propiciou, tanto em Nova York quanto em Boston, a criação de encontros mensais que reúnem pesquisadores e universitários brasileiros com o intuito de criar uma rede de conhecimento por meio da discussão de temas em suas áreas de pesquisa.

³¹ Fora do âmbito artístico, o tema da diversidade alcança o empreendedorismo feminino. Repercutindo a criação do Prêmio Maria José de Castro Rebello Mendes para estudos femininos sobre política externa e relações internacionais pelo Ministério das Relações Exteriores, os consulados promovem encontros com mulheres imigrantes. O de Los Angeles fez reportagem para a Record TV Américas incentivando o fomento do empreendedorismo e o de Boston promoveu a 2ª. Jornada do empreendedorismo feminino. O posto novaiorquino realizou o evento “Café da Manhã das Mulheres Empreendedoras” e o de Miami ofereceu o Curso “Trilha Mulheres de Sucesso do Grupo Mulheres do Brasil”, com diferentes módulos de conteúdo: visão empreendedora, posicionamento de marca, vendas, redes sociais, formalização do negócio e controles financeiros.

Os temas do projeto Galeria Visit Brasil desenvolvidos pela Embratur coincidem com os temas tratados pela arte brasileira produzida e/ou divulgada no exterior. O Brazil “ex-ótico”, visto pelas lentes colonizadoras, é abandonado para ceder espaço à imagem de um Brasil autêntico, diverso e diversificado.

Referências bibliográficas

ABRAHAMSON, M. **Global cities**. New York/Oxford: Oxford University Press, 2004.

ASSIS, G. **De Criciúma para o mundo**: os novos fluxos da população brasileira e os rearranjos familiares e de gênero. Tese de doutorado, IFCH/Unicamp, 2004.

BENJAMIN, V. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In **Magia e técnica, arte e política**. Ensaio sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas. Vol. 1. São Paulo: Brasiliense, 1987, p.165-196.

BESERRA, B. Sob a sombra de Carmen Miranda e do carnaval: brasileiras em Los Angeles. **Cadernos Pagu**, 28(1), 313-344, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/bpnVBPGNbCV85M5cKJgsGBr/?format=pdf&lang=pt>. Acesso: 01 de julho de 2024.

BESERRA, Bernadete. A Integração Brasileira no Mundo Latino de Los Angeles. GT Migrações Internacionais – **ANPOCS**, Petrópolis, 24-27 outubro de 2000. Disponível em: <https://institutodiasporabrasil.org/project/a-integracao-brasileira-no-mundo-latino-de-los-angeles/>. Acesso: 10 de março de 2024.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1998.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BRUM, Alex. A história da imigração de brasileiros para o Sul da Flórida. **Revista de História Regional** 23 (2): 239-255, 2018.

CANCLINI, N. Cultura transnacional y culturas populares. Bases teórico-metodológicas para la investigación. In CANCLINI, N.; RONCAGLIOLO, R. (Eds.) **Cultura transnacional y culturas populares**. IPAL: Lima, 1988, pp. 18-76.

CANCLINI, N. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Edusp, 2008a.

CANCLINI, N. Introdução. Instituições, comunidades e criadores: da precariedade à emergência. In CANCLINI, N. et al. (Eds.) **Emergências culturais**. Instituições, criadores e comunidades no Brasil e no México. São Paulo: IEA: Edusp, 2022, pp. 16-54.

CANCLINI, N. **Latino-americanos à procura de um lugar neste século**. São Paulo: Iluminuras, 2008.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. A era da informação, economia, sociedade, cultura. São

Paulo: Paz e Terra, 2005.

CHASTEL, A. **Arte e humanismo em Florença**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

COCCIA, E. **A vida das plantas**. Uma metafísica da mistura. Desterro (Florianópolis): Cultura e Barbárie, 2018.

COIMBRA DE SÁ, N. **Espetáculos culturais brasileiros na cidade de Nova York**: múltiplas perspectivas. Tese de doutorado, UFBA, Salvador, 2011.

DERRIDA, J. **Margens da filosofia**. Trad. de Joaquim Torres Costa e Antônio M. Magalhães. São Paulo: Papirus, 1991.

DI MAURO, T. **Storia linguistica dell'Italia Unita**. Bari: Laterza, 2013 [1963].

FELDMAN-BIANCO, B. & HUSE, D. Entre a saudade da terra e a América: memória cultural, trajetórias de vida e (re)construção de identidade feminina na intersecção de culturas. **Ler História**, 27/28, 1995.

FREYRE, G. **Casa-Grande & Senzala**: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. São Paulo: Global, 2006.

GEERTZ, Clifford. **Nova Luz sobre a Antropologia**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1999.

HALL, S. **Identidades culturais na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

HALL, S. Pensando a diáspora. Reflexões sobre a terra no exterior. In **Da diáspora**. Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2023a, pp. 25-48.

HALL, S. A questão multicultural. In **Da diáspora**. Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2023b, pp. 49-93.

HORCKHEINER, M.; ADORNO, T. O iluminismo como mistificação das massas. In Adorno, T. **Indústria cultural e sociedade**, Seleção de textos Jorge M.B. de Almeida. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

IANNI, O. **Pensamento social no Brasil**. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

JONES, M. **American Immigration**. Chicago: The University of Chicago Press, 1961.

KUIAVA, E.; ZEVALLOS, V. O corpo: um movimento da différance. In **Do corpo**: Ciências e Artes, Caxias do Sul, v.1, no. 1, jul.;dez.2011. Disponível em: https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/10_O_corpo_-_um_movimento_da_differance.pdf. Acesso em 30 de março de 2024.

MACLUHAN, M. **Os meios de comunicação com extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1964.

MARGOLIS, Maxine. **Little Brazil**. Imigrantes Brasileiros Em Nova York. Papirus, Campinas, 1994.

MARGOLIS, M. **Godbye, Brazil**. Emigrantes brasileiros no mundo. São Paulo: Contexto,

2013.

MARGOLIS, Maxine. Brasileiros no estrangeiro: a etnicidade, a auto-identidade e o “outro”. **Revista de antropologia**, São Paulo, USP, v.51, n^o.1, pp.283-302, 2008.

MARTES, A.C. **Brasileiros nos Estados Unidos**. Um estudo sobre imigrantes em Massachusetts. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

MARTES, A.C. Raça e etnicidade: opções e constrangimentos. In Martes, A.C.; Fleischer, S. (Orgs.) **Fronteiras cruzadas**: etnicidade, gênero e redes sociais. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

MIGNOLO, W.D. Colonialidade. O lado mais escuro da modernidade. In **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Vol.32, no. 94, pp.1-18, 2017. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/nKwQNPrx5Zr3yrMjh7tCZVk/?format=pdf&lang=pt>

MRE - Ministério das Relações Exteriores. **Comunidades Brasileiras no Exterior**. Secretaria de comunidades brasileiras e assuntos consulares e jurídicos, agosto 2023. Disponível em:
<https://www.gov.br/mre/pt-br/assuntos/portal-consular/BrasileirosnoExterior.pdf>. Acesso em 14 de setembro de 2023.

OLIVEIRA, Adriana. **Bienvenido a Miami**. A inserção dos imigrantes brasileiros nos Estados Unidos da “América Latina”. Tese de doutorado, IFCH/Unicamp, 2004.

PANOSSO, Marina. **Brasileiros em Nova York**: uma etnografia revisitada. Tese de doutorado, UERJ, 2016.

QUENTAL, P. de A. A latinidade do conceito de América Latina. **GEOgraphia**, 14(27), pp.46-75, 2013. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13634>. Acesso em 27 de março de 2024.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (ed.) **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Buenos Aires: Clacso, 2005, pp.227-278.

RIBEIRO, Gustavo. O que faz do Brasil, Brazil. Jogos identitários em San Francisco. In: SALES, T. & REIS, R. (Orgs.) **Cenas do Brasil Migrante**. São Paulo: Boitempo, 1999.

RIBEIRO, Edgard. **Diplomacia cultural**. Seu Papel na Política Externa Brasileira. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2011.

RIEDINGER, E. **Brazilian Americans**, An Emerging Hispanic Group in the United States. Paper presented at the IV Conference of Brazilian Studies Association, Washington, DC, 1997.

SALES, Teresa. O Brasil no contexto das novas migrações. **Travessia**, Jan-Abr, pp.5-8, 1995. Disponível em:
<https://travessia.emnuvens.com.br/travessia/article/download/428/388>. Acesso em 27 de fevereiro de 2023.

SALES, T. **Brasileiros longe de casa**. São Paulo: Cortez, 1999.

SALES, Teresa. A organização dos imigrantes brasileiros em Boston. **São Paulo em Perspectiva**, vol.19, no.3, São Paulo, Jul./Set, 2005.

SILVA, Adélia. **Leitura etnogeográfica dos lugares de vida de imigrantes brasileiros em Lisboa e em Los Angeles**. Tese de doutorado, Universidade de Lisboa, 2019.

SILVA, Adélia; FONSECA, Maria. **Mapas mentais e espaços vividos: imigrantes brasileiros na cidade de Los Angeles**. In Sueli Siqueira (Org.) *Ligações migratórias contemporâneas: Brasil, Estados Unidos e Portugal*. Governador Valadares: Ed. Univale, 2018, p.101-133. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Carlos-Siqueira/publication/325857304_LIGACOES_MIGRATORIAS_CONTEMPORANEAS_BRASIL_ESTADOS_UNIDOS_E_PORTUGAL/links/5b294750a6fdcc72dbedfec/LIGACOES-MIGRATORIAS-CONTEMPORANEAS-BRASIL-ESTADOS-UNIDOS-E-PORTUGAL.pdf. Acesso: 07 de junho 2024.

SILVA, Adélia. **Leitura etnogeográfica dos lugares de vida de imigrantes brasileiros em Lisboa e em Los Angeles**. Tese de doutorado, Universidade de Lisboa, 2019. Disponível em: https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/41454/1/ulsd733790_td_Ad%c3%a9lia%20Silva.pdf, Acesso: 07 de junho 2024.

SIQUEIRA, Sueli. **Sonhos, sucesso e frustrações na migração de retorno Brasil/Estados Unidos**. Belo Horizonte: Argumentum, 2009.

TODOROV, Tzvetan. **On Human Diversity** – Nationalism, Racism, and Exoticism in French Thought. Cambridge, Mass., Harvard University Press, 1993.

WARNIER, J.P. **La mondialisation de la culture**. Paris: La Découverte, 1999.

YÚDICE, G. **A conveniência da cultura: usos da cultura na era global**. Belo Horizonte : Ed. UFMG, 2004.